

MELLO MORAES FILHO

Artistas
do
meu tempo



H. GARNIER

RIO DE JANEIRO

Artistas

do

meu tempo

MELLO MORAES FILHO

Artistas

do

meu tempo

SEGUIDOS DE UM ESTUDO SOBRE

Laurindo Rabello



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, rua do Ouvidor, 71

6, rue des Saints-Pères, 6

RIO DE JANEIRO

PARIS

—
1904

AO POETA E AMIGO

ALBERTO DE OLIVEIRA

O artista das idealizações e da forma

MELLO MORAES FILHO

PRIMEIRA PARTE

Artistas do meu tempo

Artistas do meu tempo

I

ALMEIDA REIS

Depois dos quarent' annos a vida é um *Requiem*.

A todo o instante escuta-se o dobre pesado de um sino pedindo suffragios, notas de um hymno de exequias á cabeceira de um morto.

Parece que a natureza nos vae predispondo á ultima quietação, tão somnolentas pela fadiga do pranto temos as palpebras.

Antes mesmo, muito antes dessa idade, em que a vida vae anoitecendo, se entra ás vezes n'um periodo em que a alma se volta para o passado e os olhos se erguem para Deus.

Começando o reinado do vacuo, habituamos desde logo a evocar as sombras daquelles que nos foram caros, dos amigos e companheiros que desertaram para a morte, abandonando-nos no combate da existencia.

E na noite, sem auroras, do tumulto, nas geas eternas do sepulcro desapareceram para nós Laurindo Rabello, Constantino Gomes de Souza, Augusto de Mendonça, A. Carvalho, Plinio de Lima, João Julio dos Santos, Castro Alves e Fagundes Varella — um bando de aguias ás alvoradas do occidente!

Mais tarde, por ultimo, tomaram pelas avenidas dos cemiterios Franklin Tavora, J. Serra, Elezeario Pinto, Almeida Reis e outros, implorando do mysterio uma nesga de sua sombra para cobrir-lhes a fronte, á terra dos finados um asylo de esquecimento e de paz.

E o dobre annuncia que os tocheiros fumam ainda em torno de eças, das quaes retiram para o enterro mais cadaveres de amigos, e a nossa dôr não cessa, a nossa saudade não finda.

Quando conhecemos Almeida Reis eramos ambos meninos; nós tínhamos chegado da provincia, e elle trabalhava de entalhador na officina de seu honrado pae, á rua da Alfandega.

Annos depois, matriculado na Academia das Bellas-Artes, o seu progresso na estatuaria tornou-se notavel, merecendo em concurso o premio de viagem á Europa.

Elle partiu e nós ficámos no estudo de preparatorios para a carreira ecclesiastica.

Na despedida, abraçámos aquelle que começava a viver para o porvir e para a arte, em-

quanto o nosso destino era o sacrificio pela fé e pela humanidade.

Em paiz estrangeiro, teve Almeida Reis de lutar contra as intrigas de Chaves Pinheiro e a má vontade do sr. conselheiro Paulino que, sendo ministro do Imperio, lhe suspendeu a pensão, ficando o pobre artista á generosidade de uma *afeição* que o arrancou á fome e talvez ao suicidio.



Almeida Reis.

Cumprê dizer que o conselheiro Thomaz Gomes dos Santos, director da Academia, se oppoz á resolução do governo, que prevaleceu.

Recebendo em Pariz, onde residia, os recursos enviados por seu pae, regressou ao Rio do Janeiro, sua terra natal, trazendo comsigo a bella estatua de *Jeremias chorando sobre as ruinas de Jerusalém*, a sua obra-prima e de valor artistico.

Mas a intriga refervia, embargando-lhe os passos; punhaes occultos feriam-lhe a alma, resvalando na morte, que já o artista presentia no coração.

Para abrir caminho, como fazel-o?

Desquitado de fortuna, alguém houve que se lembrára de franquear-lhe pousada de artista, recinto ao trabalho.

Esse alguém foi o Imperador que, nos baixos do paço da cidade, lhe proporcionou amplo *atelier*, ahí modelando Almeida Reis as suas mais apreciadas obras, reproduzindo idealisações e physionomias, com o estylo e *savoir-faire* que o distinguíam.

E manhãs e tardes inteiras o sonhador estatuário, de gôrrro de velludo e blusa do officio, avistava-se no interior, acercado da profusão dos utensilios proprios da lide.

E aqui e alli, tamboretos sustendo caixões com gêsso e barro, modelos e esboços em prateleiras e no chão; e a um canto, fragmentos de estatuas, destroços de altos relevos atirados á poeira.

Ao lado da entrada, uma estatueta ou um busto sobre mais elevado tamborete emergia de uma especie de disco rodante, envolto em pannos molhados, que servíam para humedecer o barro e tornal-o maleavel.

A's paredes alvas, objectos inacabados, com-

passos, desenhos de escôrso e retratos de typos de rua, taes como o *Principe Obá*, o *Castro Urso* e o *Cayapó*, habilmente traçados a carvão pelo amovavel artista.

Rastilhos de gêsso e de barro, um balde com agua, e, separada da officina por um biombo, leve cama de ferro, completavam o mobiliario do esculptor, que já se não preocupava com a fama, nem mesmo com a posteridade do setimo dia do enterro.

E Almeida Reis, o bohemio irreductivel, acolhia nas boas horas da *prosa* L. Guimarães Junior, Ferreira de Menezes, Fagundes Varella, Mathias Carvalho, Arthur de Oliveira, Miranda Azevedo e os pintores Souza Lobo, Estevão, Barbosa, Monteiro e Cordovil, n'esse cenaculo de uma mocidade vigorosa e alentada, em rumo de descoberta de novos horizontes á poesia e á arte.

A' noite, ás vezes, por aquelle rasgão de luz da meia porta núa de sua officina, sons de violão e de nativas cantilenas se entornavam no obscuro do largo, com a melancolia de um planger suspiroso e suavissimo.

Era o estatuario que confiava ao seu instrumento as expansões de sua alma scismadora e bella; eramos nós outros, rapazes d'aquelle tempo, que, alli reunidos, nos entregavamos á in-

timidade da convivencia, aos languores adoráveis da musica.

Galvanisando-se a si proprio, o auctor do *Jeremias*, o discipulo muito amado de Rochet assistia frio e resignado ao impulso do seu braço modelando estatuas, produzindo baixos-relevos, cinzelando bustos, nem sempre aquecidos do fogo do céo que immortalisa composições esta-veis.

Neste numero contam-se o grupo *A Inveja e o Genio*, e as estatuas de *Miguel Angelo*, de *Antonio José*, do *Crime*, do *Progresso*, na estação da Estrada de Ferro Central, e a *Estrella d'Alva*, que ficam á distancia da sua primeira producção.

A Cabeça de S. João Baptista, talvez o seu mais delicado trabalho, o busto do general Osorio, alguns que se acham na galeria do Instituto Historico, o mausoléo de d. Luiza Teixeira de Souza, no cemiterio de S. João Baptista, e varios baixos-relevos da egreja de S. Francisco de Paula, constituem o quasi completo *atelier* do talentoso escultor, de uma vocação poderosa que se estiolára neste meio sempre ingrato ao homem de aspirações e de genio que teve a desgraça de nascer no Brasil.

Fóra dessas composições, sujeitas pela sua reputação á critica que deverá julgal-as, Almeida Reis foi o auctor ignorado da imagem de

S. Sebastião da igreja do Sacramento, um dos mais antigos traços de sua innata aptidão para a esculptura.

Votado ao abandono, preterido em concursos para monumentos, calumniado e caloteado, o pobre artista fez entrar a Miséria, que uma vez pousada em sua porta e liberalisou-lhe hospedagem propicia e constante.

Quem o via passar por essas ruas, velho de aborrecimento e de descrença, trilhando indifferente o caminho do destino, tinha dó... tinha pena.

— Era um espirito arrastando um cadaver!...

Na sua officina, á mingua de trabalho, um ou outro amigo levava-lhe o conforto da esperança, a gotta d'agua da consolação, que lhe foi tão grata e suave.

Porque não lembrarmos, entre os pouco que lhe restavam, Generino dos Santos e Urbano Duarte, cujo coração era tão grande quanto a intelligencia?!...

E elles o faziam; ornavam com as flôres da poesia as estatuas daquelle que fôra um artista, como se enfeita o sepulcro daquelle que fôra uma santa.

Pobre Almeida Reis!

Toldaram-te do futuro os esplendores soberanos; envenenaram-te o copo dos dias ephemerros; porém os que te assassinaram a alma

tiveram uma sentença mais barbara e cruel :

— Durante vinte annos viram passar o teu enterro!...

Paz, meu amigo : no leito humido em que descanças, na terra em que Deus adormece as suas creaturas, as minhas derradeiras recordações da infancia chamaram em vão por teu nome, soluçaram e morreram.

Como é calmo e de chumbo o somno dos mortos!...

II

PAULA BRITO

I

Não pertencemos á geração que o viu florescer, mas á geração que o viu morrer.

Demandando precoce os climas da arte na Typographia Nacional, em breve contractou-se como impressor do *Jornal do Commercio*, quando de propriedade de A. Seignot Plancher.

D'ahi, que motivo lhe dirigiu os passos a estranha senda, ignoramos; sendo evidenciado, porém, que, em 1831, Paula Brito, o ex-impressor do *Jornal do Commercio*, se estabelecêra no largo do Rocio n. 52, com loja de papel, cêra e chá, á cuja frente lia-se em taboleta-annuncio : LOJA DE CHÁ DO MELHOR QUE HA.

Devido a acontecimentos politicos e com algum preparo litterario, o lojista e primitiva-

mente typographo fez aquisição de pequeno prélo, caixotins, typos, etc., montando no interior uma typographia em que periodicos politicos eram impressos e postos á venda.

Ao mesmo tempo que essa evolução se realisava quanto á parte industrial do recente estabelecimento, gazetas e varias edições da casa iam substituindo nos armarios os objectos do especial commercio, até á transformação completa da loja em livraria, da qual as officinas se prolongavam, em sombrio appendice.

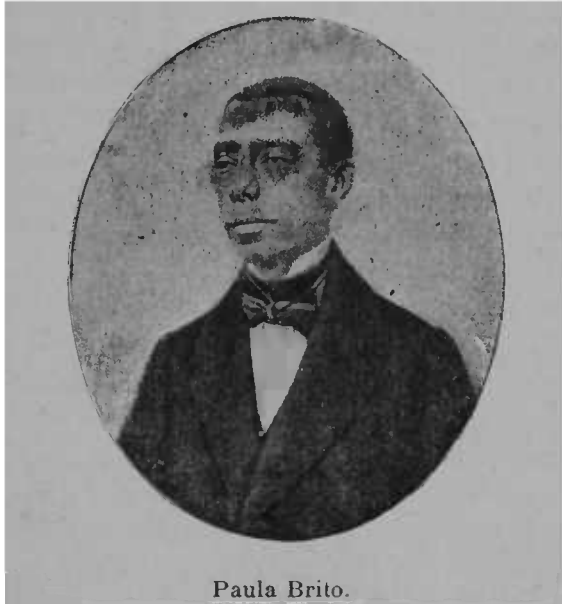
Quando conhecemos Paula Brito, já caminhava elle no declinio dos dias, sem os ardres das paixões patrioticas de outr'ora, na confiança inteira e segura dos radiosos destinos do Brasil.

De estatura mediana, de musculatura destituida de relevo, de côr tiszada como um kalifa dos contos arabes, o character dominante de sua physionomia e do seu talento era uma mistura de bondade e delicadeza, fundidas em modestia que se poderia confundir com a humildade.

Entretanto, a tradição dissipava de subito esse traço que abastarda os animos fortes, por isso que a altivez nobre e digna de sua infibratura de ha muito deixára comprovada nas luctas precursoras da Abdicação, nas contenddas jornalisticas contra as facções sediciosas e indomitas, em que elle, avigorando a palavra escripta de Evaristo da Veiga, doutrinava em

favor do throno e da ordem, e, como um bom soldado, pelearia até á morte, defendendo os mesmos principios, á sombra da mesma bandeira.

Atravessando o periodo da Regencia, sobre-



Paula Brito.

nadando ao odio dos partidos em alarido nas ruas e nas praças, a typographia de Paula Brito tornou-se por aquella época o cenaculo de eminentes personalidades, um terreno neutro onde vencedores e vencidos davam-se as mãos após os combates, ou temperavam as armas para mais vehementes pugnas.

E foi assim que, confundidos em divergente patriotismo, á luz de uma lampada pensil, ao candieiro da activa typographia do artista mestiço, Justiniano José da Rocha, Alves Branco, Euzebio de Queiroz, Honorio Hermeto Carneiro Leão, Francisco Julio Xavier, Joaquim Candido Soares de Meirelles, Firmino Silva, Bernardo de Vasconcellos, Montezuma, José Bonifacio e duzias de outros tumultuavam em ronda, ante- vendo paraísos ou pesadellos nos proximos dias do povo, ás auroras emergentes do declive ensanguentado das revoluções.

O typographo-editor, Paula Brito — o jornalista, jámais pactuára com os conciliabularios dos motins, com os insultadores publicos, com a canalha criminosa ao mando de chefes occultos, ao aceno de vontades incendiarias.

Escriptor e impressor de pamphletos honestos, de editoriaes de germens fecundos, a propaganda de seus prélos clamava pela regencia da princeza D. Januaria, combatia pela maioridade de D. Pedro II como salvação unica do paiz sublevado em peso pelos desatinos da Regencia e a furia demolidora dos facciosos.

Na consciencia de ter ainda a cabeça sobre os hombros, porém imperturbavel em seu grande amor patrio, as suas idéas lampejavam fascinadoras, sobresaltando as auctoridades que o responsabilisavam pela doutrina da prédica,

que o ameaçavam de morte ao emprazamento de declarações dos nomes de collaboradores ignorados.

Mesquinho intento, improficua tarefa! Paula Brito denunciaria a si proprio, si denunciasse os seus escriptores; trahiria o seu prestigio e o seu character si, á semelhança de uma serpente que se asyla num tabernaculo, fosse desleal aos seus intimos, até mesmo aos seus adversarios.

Fortalecido nos principios inalienaveis daquelles que fazem da sua vida um ensino e um exemplo, o mestiço illustre comprehende-se sobranceiro como os elementos, altivo como um promontorio.

II

Em 1833 a crise politica, empolando o dorso, orlava-se dos reflexos rubros de guerras intestinas, ao rumor tempestuoso de luctas partidarias.

Na assembléa, as discussões de reforma da Constituição e do banimento do Imperador haviam açulado os partidos e o povo que, na noite de 2 de dezembro, se conflagraram nas ruas, rugindo, esbordoando, assassinando.

Nessa occasião, os descatos predominaram no largo de S. Francisco de Paula : o diadema de luz que sulcava a frente da casa da Sociedade Militar fôra destruido a projectis, a pedradas.

Redobrando de impeto a populaça, no terceiro dia depois, o vandalismo recrudesceu, a anarchia alçou mais estrugidora o collo, transformando varios pontos da cidade em reductos de desordeiros, á celeuma das depredações, aos pavores do alarma.

E nessas horas negras, nesses instantes malditos, todas as typographias foram assaltadas, as prensas partidas, os typos empastellados...

Por essa noite, grosso bando em alarido, á flamma dansante de archotes, tocando instrumentos, circulo amotinado o largo do Rocio, apedrejando vidraças, desacatando os transeuntes, ferindo, matando... Mas o rumor desceu as ruas, menos vivo, menos perceptivel...

Pequenos grupos, entretanto, seguidos de turba compacta, avançavam, atravez das luzes vacillantes dos lampeões, que os aclaravam... Aqui, um cadaver, além um individuo ensanguentado que tres ou quatro homens conduziam, e, de porta aberta, illuminada no interior, e incolumes, a officina typographica e uma loja de livros na qual, encostada ao balcão, uma figura de frente vasta e melancolica contemplava os estragos e os crimes que deixam após si as multidões, em tropel irrefreavel e vandalico : — era Paula Brito.

E na manhã immediata impressos foram distribuidos em profusão, sahidos dos préelos do Rocio, verberando as arruaças da vespera, a petulancia das facções, os excessos tolerados pelo partido triumphante.

Como um intermedio ás agitações perversas, como uma especie de orvalho sobre a aridez da alma popular, em 1836 o prestigioso typographo

publica a *Mulher do Simplicio*, periodico de leitura facil e de tom pronunciadamente artistico.

A este seguiu-se a *Marmota na Côrte* em 1849, *Marmota Fluminense* em 1852, simplesmente *Marmota*, de 1857 a 1861.

De todo havia findado a sua missão politica o eminente Paula Brito, quando, entregue aos esmeros de sua arte e ao cultivo das letras, re-digia na segunda e terceira phase o distincto periodico que, com tanta superioridade, déra a nota espiritual e litteraria a esta sociedade, em rumo de aspirações altas.

Poeta de estreito vôo, escriptor de boa indole, a publicação semanal da *Marmota* comprova a medida de seu talento litterario e de seu valor poetico.

Acima, porém, disso estava a nomeada da *loja do Paula Brito*, poderoso centro em que o amor das letras, da patria e da humanidade reunia os talentos, as classes, e até mesmo os partidos mais oppostos. D'ahi, a organização de dous ministerios na referida loja, frequentada por individualidades de primeiro plano na scena politica do Imperio.

Monarchista de assignaladas luctas, amigo incondicional dos Andradas, o patriota-typographo fôra uma força em apoio da maioridade, um daquelles que ajudaram a puxar o Brasil

pelo braço, afim de encaminhal-o por veredas sem sobresaltos e honestas.

Abrindo mão dos favores do throno, mestre da arte typographica do Sr. D. Pedro II, a sua lyra vibrara o *Hymno da Acclamação* desse soberano, cuja cabeça se destaca, ao luar dos cabellos brancos, em um fundo de ouro e de soffrimento em nossa historia nacional.

Durante o periodo romantico, a famosa loja congregava os poetas da nova escola, tornando-se exclusivo nucleo dos porta-vozes desse movimento litterario, taes como Magalhães, Gonçalves Dias e Porto-Alegre, seguidos de Macedo, Teixeira e Souza, etc., que, simultaneamente, ou em épocas truncadas, discutiam a plastica do verso, architectavam poemás, afinavam pelo nosso sentir ou pela natureza selvagem o nacionalismo de suas composições.

E quantos não deveram ao typographo-editor fecundas animações, o enfeixamento em volume de esplendidas producções, que figuraram successivas nas estantes e nos mostradores daquella livraria? Que o digam os collaboradores da *Marmota*, do *Guanabara* e outros periodicos; que o respondam Teixeira e Souza, Martins Penna, Joaquim Norberto, Machado de Assis, Constantino Gomes de Souza, Bruno Seabra e a pleiade gloriosa das vocações de outr'ora, que encontravam em Paula Brito um

ponto de vista ás suas aspirações, um guia confiante a remontadas eminencias.

Nem só de personagens politicos e homens de letras tornára-se predilecto centro a redacção da *Marmota*.

Durante a accidentada existencia da Opera Nacional e as memoraveis temporadas do theatro Lyrico, sempre que aqui chegavam companhias a loja do Rocio distinguia-se pelos grandes nomes que a buscavam, pelas celebridades artisticas que a tomavam de preferencia para os *rendez-vous* da arte, para ahi deixarem bilhetes e cartões de recitas, visto como na popular typographia se imprimiam avulsos com referencia ao theatro, cartazes e poesias em que o genio das cantoras e a fama dos beneficiados eram celebrados pelos poetas do dia, na generalidade escriptores do gremio.

Com referencia ao apuro typographico das edições da casa, convem lembrar que de seus prèlos sahiu a *Confederação dos Tamoyos*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, obra de tiragem especial, cujas provas passavam pela revisão do Imperador.

Abrindo mão do editor-typographo Francisco de Paula Brito, para encaral-o simplesmente como homem de alma e de coração, d'entre muitos, um facto se nos apresenta até agora inedito, porém que é opportuno divulgar.

Em 1857 chegára ao Rio de Janeiro, vindo da Bahia, um ancião decahido de fortuna e de popularidade, á procura de uma migalha official para escapar á fome.

Esse vulto respeitável, um dos batalhadores da Independencia, era o coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, o auctor emerito das *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia*, da *Chorographia do Pará* e de varias memorias historicas, das quaes o valor o presente reconhece e o futuro encarecerá.

Nomeado chronista-mór do Imperio, não sabemos porque lhe foram o titulo e a subvenção sobrestados, sendo escolhido para o cargo o conego Fernandes Pinheiro.

N'essa mesma occasião, o valetudinario historiador, o mendigo que legára á patria inexauriveis thesouros, demanda, succumbido de dôr, a loja de Paula Brito, e as suas agonias serenaram, e a conciliação com o destino levantou-se-lhe de uma pensão anonyma do artista generoso e bem.

A caridade ignorada, a beneficencia não debilitante entravam por muito no character severo do fluminense artista que, longos annos, dominára a sua classe, dispondo de influencia e util prestigio.

A 10 de dezembro de 1861, em meio de uma avalanche de poeira, um prestito funebre, com-

posto de mais de duzentos carros, escoltado o coche por sege do paço, dirige-se do campo de Sant'Anna para o cemiterio de S. Francisco Xavier.

Seriam quasi seis horas da tarde quando, transpondo a cidade dos Mortos, estacando á sombra da velha mangueira da principal avenida, o engrinaldado feretro é retirado de entre as columnatas do coche mortuario por Euzebio de Queiroz, Paranhos, Joaquim José Ignacio, Saldanha Marinho, Paulino e o dr. Severiano Martins.

E o lutuoso cortejo, de frente descoberta e tardo, desfila, até que os despojos daquelle que levava a enterrar chegassem á argila fria do ultimo somno...

Depois, vozes entrecortadas de soluços tornam sonoros aquelles ares, á quéda dos primeiros orvalhos nos cyprestes sem aroma e sem flôres.

Eram Constantino Gomes de Souza, José Antonio, Herculano de Brito e outros corações reconhecidos que envolviam no sendal mystico da poesia o morto illustre, o cadaver adorado de Paula Brito, ao entrar para sempre na communhão do céo e da natureza.

Da arte typographica no Brasil foi elle o mais legitimo representante, a mais transcendente irradiação.

III

JOÃO CAETANO E ARÊAS

I

Era fallecido Jacques Arago.

Da casa de João Caetano as reuniões, os sa-ráos, as festas intimas haviam desertado, porquanto o auctor da *Gargalhada*, o exilado voluntario, descansára em terras do Brasil a fronte encanecida e sonhadora.

Hospede do grande actor, cujo nome encheu o seculo passado do nosso theatro, o senhorial hospedeiro lhe proporcionára o enterramento e o tumulo; restando em seu lar a desolada Antígona (1) do peregrino cégo, do francez escriptor que, pela segunda vez, demandára as nossas plagas, como que antevendo o logar que lhe

(1) M^{me} Hortense, sobrinha de Jacques Arago.

marcára o destino para dormir o somno que não finda.

Erguendo-lhe á sombra triste de orvalhado cypreste alvadio monumento, cumpria ao artista que outr'ora lhe engrinaldára a fronte com os lauréis de André Lagrange no drama do auctor morto, amparar a formosa moça que guiára o cégo atravez dos derradeiros estadios da jornada.

E fidalgo beneficio, encenando-se *A Gargalhada*, liberalisou João Caetano á lutuosa gallicana, recurso indispensavel ao seu retorno á França.

Mas o coração tem seus altares, onde a gratidão das almas boas celebra a horas mortas os ritos ineffaveis de seus cultos!

Antes de vir para o Brasil, Jacques Arago permanecêra por alguns dias em Lisboa, e Antonio Feliciano de Castilho, um dos brazões de sua patria e do seu tempo, offertára ao viajante illustre um exemplar do seu drama *Camões*.

E a lacrimosa creatura, nas despedidas do seu bemfeitor, lhe deixára, como penhor de affecto, como um relicario de reconhecimento e de saudades, aquelle livro do Milton portuguez, a mais rica gemma do espolio de Arago.

E os dias passaram como passam as noites, como passa o verão, como passa a primavera.

Decidindo Antonio de Castilho visitar o Rio

de Janeiro, a fim de expôr o seu methodo de *Leitura Instantanea*, aqui o tivemos em 1855, traçando de luz com a ponta de sua aza de genio novos rumos litterarios; elle — um promontorio das letras portuguezas, seguido pelas vistas de dois povos como um fanal em praias desejadas.

Aqui installado, o excelso artista fluminense o busca, levando-lhe preitos de admiração convencida, ao mesmo tempo que solicitára consentimento para montar no theatro de S. Pedro o alludido drama.

Extremos de modestia, pretextos de incompatibilidades scenicas foram produzidos pelo poeta, que dedicara ao Sr. D. Pedro II o seu trabalhado livro.

Levadas de vencida por João Caetano as escusas do auctor, a permissão imperial tornou-se de facil alcance, indo o theatro do Rocio, ainda uma vez, não se constituir sómente o pedestal de glorias do *Artista Principe*, porém d'este e de Antonio Feliciano de Castilho.

E' que o assumpto de longa data tentára a vocação transcendente do genial actor, cuja intelligencia, nutrida de aproveitado preparo academico, destacava na obscuridade das éras as figuras historicas, ás quaes se comprazia, no momento artistico, de fazel-as reviver nas creações assombrosas.

E depois de tantas resurreições no palco, de tantas interpretações incomparáveis, profunda lacuna encontraria a posteridade em sua obra, com a ausencia da personificação esthetica do immortal cantor dos *Lusiadas*, o poeta da rei-



vindicação do Oriente para o Occidente, feita pelos portuguezes, dessa epopéa sem batalhas e sem assaltos, mas por sobre cujo portico a luz da Asia Oriental se abraça e confunde com a do mundo moderno.

Entrando sem tardança em ensaios, o theatro

de S. Pedro de Alcantara aprestava-se em galas para a grandiosa festa.

Na noite de 23 de novembro de 1855, a escolha da sociedade d'esta capital opulentava-lhe o amplo recinto. A aristocracia, a litteratura, a belleza, as luzes e as flôres marcaram n'aquella noitada esplendorosa entrevista, em romaria ao triumphante e duplo succedimento do poeta e do artista.

Mas Antonio de Castilho já fendia mares, caminho de seu paiz.

II

A chegada de SS. MM. Imperiaes ao seu camarote de bocca de scena, a orchestra executou a bem instrumentada symphonia de Dionysio Vega, *As lagrimas de Camões*, começando logo após o memoravel espectáculo.

Desde o erguer do panno, o busto adornado de flôres do poeta dos *Ciumes do bardo* distinguia-se a um lado dos bastidores sobre elevado pedestal.

Como Prologo do apparatuso drama, uma figura, de capa e espada, apparece isolada, dando a conhecer as phases do entrecho e o character dos personagens.

Ao propecto actor Gusmão foi distribuido o severo papel que familiarisa o espectador com as peripecias da vida do protogonista da acção, atravez de suas viagens e de sua historia.

Girando o conjuncto da peça em torno do sublime cantor lusitano, que alliára duas civilisações, e que, nos seus versos trescalantes da

myrrha do Levante e do perfume das laranjeiras em flôr de seus climas natalícios, havia dado á sua patria a maior epopéa do seculo xvi, João Caetano o apresenta nas identificações da arte, secundado pelo indio Antonio, o fiel escravo Jáo, do qual, por modo inimitavel, reproduziu Arêas o typo, a rudeza e o sentir.

No segundo acto do drama, passado na sala dos Paços da Ribeira, em frente ao Tejo semeado de navios da frota para Africa, tudo é êncantador, opulento, magnifico.

Em um estrado com espaldar de sobrecéo, D. Sebastião e a sua côrte recebem o poeta aventureiro, que vem depôr sobre o velludo e os brocados de ouro do régio solio um volume dos *Lusiadas*, a soberana epopéa do marinheiro portuguez, triumphante dos cabos e das tempestades, das luctas formidaveis contra os elementos, contra a natureza.

Nesse pomposo acto, João Caetano apropriou do immortal cantor todas as paixões, todo o fogo do sol já quasi posto da mocidade, nos emocionaes e furtivos dialogos com Catharina de Athayde, divinizada em suas idealisações.

No momento, porém, em que o rei cavalleiro o compensa com jubilos de festa, com corôas tributadas por seraphins, uma situação se abre ao prodigioso talento do actor brasileiro que, num delirio de applausos, atravessa alter-

nadas scenas até ao final do ullimo acto.

Esse fragmento da acção é a celebre fala dos *cincoenta cruzados*, em que o famoso tragico arrebatava o auditorio ao possante vôo de sua inspiração, á largueza de seu desempenho.

A obra de Castilho era, sem contestação, um producto authenticico da historia portugueza, na legitimidade dos caracteres, no verdor antigo da linguagem, na transparencia diaphana dos costumes. Dahi o *Auto* chamado das *Boas Estréas*, que entremeia o acto II, povoando o tablado de divindades gregas, de Fadas do Norte, de Seraphins, de Demonios, etc., tomados de emprestimo ao maravilhoso do christianismo.

Representações adoptadas nas côrtes medievas, o referido intermedio semelhava aos exhibidos nos paços de D. João III.

Ao erradio Camões, no declinio da idade, em absoluta pobreza, acompanhára desde a India o seu escravo Antonio, unico amigo seguro na adversidade e nos desalentos.

Animada sombra evocada por Antonio de Castilho, o admiravel Arêas avulta no proscenio, movimentá-se, vive, reflectindo do infortunado cantor as angustias d'alma, profundas como o Oceano, extensas como as marés do destino.

Selvagem, aspero, ao mesmo tempo carinhoso e meigo, o tostado Jáo percorre uma estrada inteira de emoções até ao desenlace, ao quinto

acto, no acanhado e miserrimo aposento de seu senhor, que expira á mingua.

E junto de D. Catharina morta, aos sons do órgão da egreja de Sant'Anna, o actor Arêas torna-se inexcedivel quando, ao transpôr a

entrada, fitando em maguada perplexidade o cadaver de Camões, corre á janella, escancara-a, gritando com vozes molhadas de lagrimas e entrecortadas de soluços:

— Esmola para o enterro de Luiz de Camões!

O effeito sorprendente desta

scena, do amplo quadro de eloquentes lances, em que os dois artistas se empenharam juntos e triumpharam ambos, accentuaram nos fastos dramaticos do theatro de S. Pedro mais um acontecimento de relevo singular.

Flôres, poesias, acclamações victoriaram o glorioso auctor e os principaes artistas, sendo duplamente laureado em scena o assombroso



tragico João Caetano dos Santos, que enviára a Antonio de Castilho as corôas de sua conquista nos torneios do palco, nas espheras do genio.

Semanas mais tarde, publicava o *Correio Mercantil* a seguinte e valiosa carta, dirigida a João Caetano :

« Meu Artista Principe. — Renasceu, emfim, evocado pelo teu genio, o teu, o nosso Camões! O summo auctor das glorias portuguezas identificou-se com o actor summo, reconhecida gloria do Brasil. Remoçastel-o para os amores e lagrimas dos contemporaneos; elle communicou ao teu genio o seu perfume de veneração antiga, a sua embalsamação de monarcha em monumento, que te affiança a duração a que os teus proprios talentos e esforços te davam jús.

« Offereces-me as tuas corôas; porque não acceitaria eu esses generosos penhores de um affecto que me honra?! E de que te servem já agora a li as corôas, se á tua voz ellas de si se tecem e te chovem aos pés?! Aceito-as, e vou cingir com ellas, não o meu livro, mas os *Lusiadas*; não a minha cabeça, mas a do nosso commum inspirador. Para mim já nada peço, nem cubiço, depois que vi que tu me comprehendeste, e me fizeste comprehendido no meio de um povo nobre e illustrado, que applaudiu e acolheu, como feita para elle, a obra que eu só

havia endereçado ao engrandecimento dos meus conterraneos.

« E' magnifico para vós outros esse exemplo; e tanto mais quanto esse padrão que erigiste a dois poetas, ambos estranhos, está singularmente contrastando com o desprezo posthumo em que ainda aqui se tem o primeiro, e com a injustiça com que ao segundo se está, como que acintosa, e talvez conjuradamente, negando, depois de tantas outras coisas, até o pobre credito de haver salvado do ultimo perdimento os ossos do grande mestre! O tempo que o vingou e consagrou a elle, algum dia me fará justiça.

Para ti a justiça e a posteridade começaram já. — Recebe os meus parabens, os meus agradecimentos e os meus abraços. Teu admirador, amigo e camarada. — Lisboa, 11 de janeiro de 1856. — *Antonio Feliciano de Castilho.* »

Por mais oito vezes foi o drama á scena, com o mesmo fulgor, com a mesma galhardia de execução.

Um incidente, porém, destinado a retiral-o da admirativa incessante, sobreveiu, quando ainda o publico affluia numeroso a celebrar-lhe o exito. Na madrugada de 26 de janeiro de 1856, depois da récita em beneficio da actriz Isabel Maria Nunes, violento incendio dominou o theatro que, pela terceira vez, transbordou de

lavas e de gigantescas baforadas de fumo, como um chão de sepulcros ardentes.

O fogo, declarado no arco que separava a platéa, marinhando as bambolinas e ganhando o salão de pintura, fizera abater o tecto, o madeiramento do edificio, que, dentro em pouco, ao estouro do lustre colossal sobre os fume-gantes destroços, levantou catadupas de estalantes faiscas, que voaram cá fóra como um granizo infernal ás conjurações de algum archanjo revel.

Ao terraço e ás janellas, vermelhas flammas daquella lagôa candente cresciam em vomitos e lambiam os espaços, projectando no ar nocturno clarões enormes e vividos, esbrazeamentos violaceos e funebres.

Aos signaes das torres das egrejas, dir-se-ia o largo do Rocio, atopetado de multidões, o esboço de um fóco de salamandras na primitiva noite do mundo.

E João Caetano, acudindo de sobresalto, em mangas de camisa, e envolvido no amplo manto em que apparecia no papel de Don Juan de Marana, estaca e encara um instante allucinado aquelle fabuloso scenario, que tinha por palco uma rampa de brazas, por actores robustas traves incendiadas a prumo, como vozes os ventos galopando nas ruinas e ateando as labaredas em cardumes.

Ainda sob a pressão da desgraça que o assaltára, o incommensuravel interprete de Luiz de Camões escreve ao poeta Antonio de Castilho em 18 de fevereiro de 1856 :

« Amigo : — Acabo de soffrer terrivel golpe e de perder toda a minha fortuna.

« Na madrugada do dia vinte e seis de janeiro proximo passado, foi reduzido a cinzas o theatro de S. Pedro. Vi-o arder pela segunda vez ! E a opinião geral é que o fogo foi lançado pelos meus antagonistas ; porém, elles que se mordam, pois que tenho uma alma grande e animo nos trabalhos.

« O governo acaba de conceder-me o theatro Lyrico e vou já reconstruir (de ferro) o meu querido S. Pedro.

« No meio, porém, de todos esses desgostos, recebi a sua apreciavel carta.

« Meu amigo : como o mundo é cheio de compensações!... Ella, enchendo-me de prazer, me deu coragem, me exaltou o genio; e disse então aos meus amigos : Si Castilho me chama — seu Artista Principe — me considera, me louva, devo levantar-me no meio de mesquinhos reptis, que só procuram morder-me, e que lhes não dava cavar-me uma sepultura, ainda que se constituissem meus vermes!...

« Devo levantar-me » disse. Desprezei os

mãos, procurei os bons, e consegui o que acima fica dito.

« Meu amigo : duas notáveis coincidências houve nesta catastrophe — uma, foi arder o theatro no dia do *seu* natalicio, e na vespera do *meu*; a outra foi que, tendo ardido tudo quanto existia no edificio, só salvei o seu livro — o nosso *Camões* — com parte do repertorio; *Camões* salvou do naufragio o seu poema; eu salvei o seu livro *Camões* do meio do incendio.

« Após todos esses transe, bem deveis considerar que ha de que se expanda minh'alma; bem deveis concluir que ha para mim que esperar... Fallo de vossas expressões; fallo desse effluvios que não me embalsamarão o resto das ulceras que me ficaram, o que *a alma maior e o maior animo nos trabalhos* não saram de todo! »

E á semelhança dos Pharaós, que durante o seu poderio demarcavam os hypogeos que lhes deviam recatar a mumia, João Caetano reconstruiu o theatro de S. Pedro de Alcantara, — o esquife de pedra do seu nome, o tumulo da arte dramatica no Brasil!

Passaram os heróes e vieram os *clowns*.

Na Grecia antiga as bacchanaes funerarias alegravam o somno dos mortos!...

IV

CARLOS KORNIS INSLEY PACHECO — ARSENIO SILVA

I

A revolução da Hungria em 1848 trouxera, como consequências, perseguições aturadas, a perturbação logica desses acontecimentos em que a alma popular se vê abalada em todas as suas profundezas.

A parte mais illustre do paiz, que acudira á revolta ao brado de Kossuth, teve, após a victoria dos contrarios, de seguir ignorados ou previstos rumos, sendo que muitos preferiram a expatriação voluntaria a supportar vinganças implacaveis, tyrannias sem tregua.

Por aquelle tempo, o Brasil organisava-se; as instituições emergiam, as reformas succediam-se apuradas, o progresso desencadeiava-se

fragoroso, e os que padeciãem por amor da liberdade em sua patria aprestavam-se a bater-lhe ás portas pedindo hospedagem, abrigo propicio ao florescimento do trabalho e de adeantadas idéas.

E não só o Brasil, mas ainda os Estados-Unidos recebiam, durante esse periodo agitado da historia da Europa, exilados sublimes, martyres de crenças altas, que aportavam em tropel á America dos livres, não profanada do sangue de tantas victimas em defesa de seus direitos e de suas convicções politicas.

A essas levas, constelladas de nomes illustres, juntaram-se immigrants da nossa antiga metropole, e para todos elles, aqui e além, abriram-se geiras ao trabalho, espaço amplo ás conquistas da industria e do pensamento.

E é assim que nos remontando a velhas datas, vemos, através de transparente penumbra, dois vultos gloriosos de sua terra natal e um portuguezinho bohemio que aqui aportaram, trazendo-nos, aquelles a collaboração da sciencia e da arte ao nosso progresso elementar, e este o contingente de suas remontadas aptidões nativas, o aperfeiçãoamento entre nós dos processos tendentes a sublimar invenções recentes, cujo exito entretinha attencões unisonas.

E, do como os factos se deram, do modo por que os incidentes se realisaram, é uma his-

toria em que figuram destinos bem diversos, personagens em extremo differentes.

A America do Norte evoluia, e as bellas artes acompanhavam-lhe a phrase de progresso moral e de espontaneidade artistica.

As turmas estrangeiras que affluiaem aquellas paragens associavam-se ao movimento que se condensava, ao passo que no Brasil os mesmos phenomenos se reproduziam em reduzida escala, visto como acontecimentos politicos menos assignalados, e a quasi uniformidade da immigração, quanto á procedencia, o escondiam de muito ás aspirações de outras raças superiormente cultas, em absoluto mais adeantadas.

Corria o anno de 1847 e o processo da fixação da imagem por meio da luz, inventado por Daguerre, povoava de mestres e aprendizes os *ateliers* de New-York, promettendo aos cultores do decantado commettimento abundancia de lucros, incondicional applauso.

Lo arruido desse impulso, ás festas desse aperfeçoamento artistico, o irlandez Frederic Walter desembarcára no Ceará, trazendo consigo um aparelho de daguerreotypo, que usava durante o dia, e um gabinete de magica, que funcionava á noite nos theatrinhos.

Natureza em demasia curiosa, indole decidida e aventureira, o rapazola Insley Pacheco, que lá se achava, abeirando-se pouco a pouco

do bizarro figurão, tomou-lhe de um relance o animo, dominou-lhe a privança, e dentro em breve, a troco de desenhos de *sortes* para as exhibições magicas, surge aqui e alli, tirando retratos com as grosseiras machinas e acanhado saber do irlandez viajante, até que afinal, com aparelhos de valor importados da America do Norte, eil-o já separado do saltimbanco e mestre, a retratar por sua conta e risco, de villa em villa, de cidade em cidade, de provincia em provincia, percorrendo quasi o norte do Brasil, em excursão compensadora e de verdadeira surpresa artistica.

Erradio, intelligente, e sempre em busca do imprevisto, saudando desde logo o alvorecer de radiosos futuros, teve elle em mira colher nos grandes fócios a perfectibilidade do systema, para o que, munindo-se de cabedaes de illusões e alguns *dollars*, desfralda vela para os Estados-Unidos, uma, duas vezes.

E desta, paraprehender a segunda travessia, qual o intuito guiador, o objectivo directo? Renovadas aspirações, devaneios estheticos, a perseguição de ideaes que lhe appareciam como nebulosas ás suas irresistiveis tendencias.

Apenas em New-York, Pacheco demandou soffrego as officinas do celebre daguerreotypista Brad, que reunia sob seus tectos brilhante pleiade de alumnos americanos e forasteiros,

que se empenhavam em estudar-lhe o *savoir-faire* dos retratos.

E seriam todos elles jovens em formação de nome, mancebos a descortinar jazidas de ouro aos reflexos incandeantes do maravilhoso processo ?

Não muitos, — nem todos.

A' semelhança do conviva que transpõe, ignorado, festim solenne; do velador das noites que, pouco a pouco, clareando os horizontes, distingue moitas e promontorios, o portuguez noviço depara deante de si, como condiscipulos no mesmo *atelier*, Birany e Carlos Kornis, dois patriotas húngaros, dois exilados eminentes, para os quaes a patria negára em seu seio paz e abrigo.

Quem os encontrasse confundidos n'aquella turba, commungando na mesma fé artistica, não descobriria por certo alli dois vultos ennobrecidos pela sciencia, que tapavam com as mãos os louros da frente, para que não os apercebessem estrangeiras vistas; dois sabios professores da Universidade de Pesth, que iam áquellas officinas phantasiar-se de daguerreotypistas para não trajarem as vestes esfarrapadas do mendigo em americanas paragens.

Isto succedeu em 1850, quando Insley Pacheco, de par com a daguerreotypia, se applicava á pintura a oleo com o mais famoso pai-

zagista que até áquelle periodo passára para a têla as bellezas naturaes da esplendida bahia de Hudson.

E com o ensinamento de Brad, e largas noções de pintura colhidas do grande mestre, despede-se o moço artista da capital americana, separa-se dos bons companheiros e dos dois desterrados, partindo para o Brasil, dirigindo-se ao Ceará, percorrendo centros populosos do norte, até que, em 1853, aporta a esta cidade, confiante na carreira uma vez encetada do bello a transparecer nas manifestações da arte.

Até essa data, a daguerreotypia no Rio de Janeiro não passava de mera tentativa.

E foi precisamente nesse periodo de atrazo, quando Insley Pacheco, inaugurando seu gabinete, apresentou trabalhos correctos no genero, não conseguindo, entretanto, proventos e animadora estima, visto como o desagrado resultante dos exemplares em circulação havia desviado a corrente dos apreciadores.

Uma circumstancia, porém, encaminhou-o a outros descortinos, com a aquisição de machinas e formulas de processo dos ambrotipos, obtidas de um capitão de navio em passagem por este porto, cabendo-lhe a honra de introductor do systema entre nós.

Ao alvoroço de tal novidade, á decadencia inesperada do invento de Daguerre, tres artis-

tas se encontraram ao mesmo tempo em um *atelier* de daguerreotypia á rua de S. Pedro, e deste acaso singular as expansões foram intensas, a cordialidade vivissima...

E fôra bello de vêr-se duas culminancias em ultimo disfarce, dois sabios para os quaes a sciencia do direito traçára luminoso roteiro, no paroxismo do contentamento, recolher entre os braços o seu joven condiscipulo das officinas de Brad, — aquelles na adversidade da sorte, e este no amanhecer dos fados.

E sabeis quem eram aquellas figuras tão solitarias e tão grandes no incommensuravel de suas convicções, no rigor de sua desventura ?

As salas da Universidade Austro-Hungara ainda echoam de sua palavra erudita, ainda resplandecem dos clarões de seu genio.

O primeiro era o professor Birany, e o segundo o criminalista Carlos Kornis Totvarad, o tribuno excelso da liberdade de seu povo, o incendiado collaborador, ao lado de Kossuth, do *Jornal de Pesth*.

Naquelle instante, junto áquelles Alpes do patriotismo e do saber, Insley Pacheco, pela primeira vez, compenetrou-se de sua vocação de pintor, pensou em remontar-se nas regiões do bello, nos commettimentos da arte.

E ao passo, porém, que os pregoeiros da santa cruzada contra a Austria e a Russia definhavam

no exilio ; que, já desquitados dos sentimentos revolucionarios, assistiam em espirito como que aos funeraes de sua nacionalidade, o sonhador aventureiro temperava as tintas de sua palheta pelo colorido quente e brilhante das paizagens do russo Grazoffre e do allemão Lind, que per-lustraram o Brasil, que passaram para os planos de suas télas trechos admiraveis da nossa folhagem e do nosso céo, das nossas aguas e das nossas montanhas.

E o daguerreotypista, nas reproducções a oleo vencia, á força de inspiração e de talento, as difficuldades com que surprehende aos seus entusiastas a nossa natureza selvagem, no mais intenso de seus esplendores, desde os incendíos de suas auroras até o bambolear phantastico de suas florestas.

II

O *atelier* de daguerreotypia de Birany e Carlos Kornis, á rua de S. Pedro, era simples, severo, modesto.

Na sala da frente viam-se, em molduradas, gravuras ornamentando as paredes, mesa central com estatueta de bronze e *passe-partout* ao acaso; algumas caixinhas, abertas ou fechadas, contendo retratos por elles executados, e dezenas de outras, com ovaes duplos e aparelho stereoscopia, segundo o systema então em voga nos Estados Unidos.

Breve tapete á entrada, aparadores com vasos de flôres artificiaes, espelho dourado, cadeiras usadas, e pouco mais, completavam os adereços d'essa desluxeosa peça de recepção e de espera.

Frequentado por uma *élite* de estrangeiros, por personagens e familias illustres do paiz, esse estabelecimento firmava-se em largo lastro de estima publica, pela rara competencia dos dois

artistas nas complicadas manifestações do processo de Daguerre.

Famoso como retratista e admirado em extremo pelos nossos linguistas e eruditos, era particularmente o professor Kornis quem atrahia ao seu aconchego notavel pleiade de homens de estudo, que o buscavam nas horas menos occupadas, nos intermedios da lide e do laboratorio.

Ex-lente de direito criminal da Universidade de Pesth, nascido na Hungria, o amplo conhecimento de multiplas linguas o destacava solitario nesse grupo de escolha, que lhe proclamava o talento, que lhe encarecia o saber.

E como tal aptidão se explicava, bem o revela a patria que lhe servira de berço, o meio de onde partira.

Habitada a Hungria por slavos, allemães, gregos, ciganos e judeus, além da população indigena, os idiomas desses povos se lhe tornaram familiares, quasi como o madgyar — lingua nacional, — do mesmo grupo que o turco e o finnez.

Verdadeiro interprete daquella torre de Babel, Carlos Kornis conhecia-os superiormente, bem como o latim que, por necessidade de comprehensão geral, fôra pela rainha Maria Thereza declarado lingua official da Hungria,

persistindo em vigor o decreto até, mais ou menos, 1860.

Addicionando a estes — o inglez, o francez, o hespanhol e o portuguez —, o professor exilado dominava filiações diversas, possuia cabedades de excepcional polyglota.

A sua officina, entretanto, não prosperava a olhos fitos, as suas operações de rematado daguerreotypista não avultavam compensadoras, porquanto nem sempre as classes elevadas dos clientes se nivelam com a apparencia dos proventos.

E a esperanza empallidecia para o expatriado, tornando-se-lhe mais dolorosas as agônias á aproximação de necessidades reaes, ao apartar o cortinado de um leito pobrissimo, em que, lá, no fundo de acanhado aposento, ao recato de todas as vistas, padecia molestia de morte seu eminente companheiro de Universidade e de infortunio, o patriota Birany, sem um sorriso piedoso e amigo, sem um carinho de mulher a adoçar-lhe o travor da sina, as ultimas gottas do remedio.

Insley Pacheco, porém, era moço, e a mocidade empresta forças para a lucta, despende energias para os commettimentos assombrosos.

E assim foi que, logo após se haverem installado com daguerreotypia Birany e Carlos Kornis, conseguiu Insley montar gabinete á

rua do Ouvidor, onde os retratos pelo systema de Daguerre e ainda os ambrotipos conferiram-lhe invejada reputação, trouxeram-lhe á farta concorrentes á novidade.

Ocioso seria contestar que as paizagens a oleo collaboraram na nomeada do joven artista, ampliando a vulgarisação de seu estabelecimento, até certo ponto industrial.

A daguerreotypia, entretanto, apesar das apuradas fórmulas dos dois sabios da rua de S. Pedro e de Pacheco, parecia haver representado o seu papel historico no Rio de Janeiro, visto como não só o elevadissimo preço do producto, e mesmo a nenhuma habilidade do resto dos profissionaes, levaram-n'a ao desconceito publico, ao regateamento incompensador do trabalho.

Nesse entretempo, datando desse periodo de apprehensões e alternativas, aportam a esta capital os fugitivos do exercito francez Henrique Klumb e Affonso Rouel, trazendo comsigo uma machina photographica por unica fortuna, por exclusivo talisman contra os naufragios provaveis do destino.

Desconhecidos, á mingua de dinheiro para fundar casa, occorre-lhes a idéa de se associarem a seu compatriota, o pintor F. Moreau, com *atelier* á rua do Rosario em frente á actual, rua de Gonçalves Dias; o que conseguiram,

sem que lhes figurassem os nomes como proprietarios da officina nos cartões dos retratos.

Dahi sahindo as primeiras photographias de que havemos noticia no Brasil, não se conclúa do facto que, simultaneamente, imperfeitas provas deixassem de ser apresentadas por Insley Pacheco, quando, em 1855, com José Maria Candido Ribeiro, combinava agentes chimicos empregados nas differentes fórmulas da fixação da imagem sobre papel.

Vacillante dô exito, incerto quanto aos resultados, e á vista de photographias que aqui chegavam da Europa, o ambrotypista notavel, iniciado na descoberta de Talbot, expede emisarios á Inglaterra, á França e á Belgica, á compra de ultimos aparelhos e de recentes segredos do processo, munido dos quaes inaugura opulentissimo estabelecimento á rua do Ouvidor n. 102, figurando na solenne exhibição retratos e vistas photographicas de suas poderosas objectivas, tão correctos, tão aprimorados, tão excellentes como os obtidos naquelles centros artisticos.

Arrojado em aspirações, adorador incondicional do bello na natureza e na arte, jámais a nossa feerica paizagem deixou de seduzir-lhe os sentimentos estheticos, de proporcionar-lhe céos e arvoredos á cuja sombra armassem as illusões as rêdes de ouro de seus perfumados sonhos.

Desatarefado da montagem do seu *atelier*, com a palheta ainda humida das tintas de suas apreciadas reproduções a óleo, o acaso se lhe tornou favoravel a outras modalidades da arte;



Arsenio Silva.

isto se verificando com as estreitas relações que cultivára com um pintor de grande talento, uma celebridade por certo em estranho paiz, o pernambucano Arsenio Silva.

Vinha elle de longes terras, onde, aprofundado em estudos de pintura, nutrira-se de ma-

gistraes ensinamentos nas academias de bellas-
artes da Italia, França e Belgica.

Eximio na paizagem a oleo, o famoso auctor dos *Jardins de Armida*, especialisára-se nos generos *gouache* e pastel, valendo-lhe para isso demorada aprendizagem com o inexcedivel Thomas, inspirado interprete das singulares scenas dos climas do Oriente, com suas auroras de fogo e seus poentes melancolicos, a entornarem poesia e esplendores nas renovações eternas.

E foi com o genial nortista que Pacheco aprendeu os tons maravilhosos de seus *gouaches*, tons que com tanta vantagem fazem resaltar o character, a unidade, a alma emocionante de suas pinturas.

Aos romeiros da arte, entretanto, bem accidentados, ás vezes, se tornam os caminhos, fazendo-lhes parte da inedita biographia revezes que a completam, incidentes que convem rememorar.

Em Arsenio Silva a asserção se evidencia, incluindo-se nas peripecias de sua vida originaes anedotas.

Consciente de si mesmo, do seu remontado valor na arte a que se dedicára, a capital do Imperio, á semelhança de encantadora miragem, surgira-lhe ás fascinações como a terra da promessa aos legionarios do bello. Esbanjando thesouros de pintura, expondo quadros

de rara estimativa, mirava o recém-chegado artista certaíra collocação entre o corpo docente da nossa Academia.

A intriga e a inveja cerrando-lhe traiçoeiras as portas, Arsenio Silva teve de recuar, e espraíando em derredor de si olhares de desanimo, apercebeu que as demais se haviam fechado para elle, e que, ao desamparo do gosto pela arte, a miseria seria uma consequencia logica, uma companheira inevitavel dos dias futuros.

E, por um instante, sacudindo guisos de uma allucinação transitoria, o excelso pintor de *gouaches*, o vendedor de télas esplendidas a *cinco mil réis*, faz aquisição de uma *cabeça que fala* a Saturnino da Veiga, de um realejo e de um cosmorama, seguindo estradas da provincia do Rio, assim transformado em saltimbancq, de feira.

E não aproveitou o exemplo da perfidia e descaso pela arte, symbolisados em Arsenio Silva, a Insley Pacheco que, á luz de propicia estrella, abriu caminho, deparando céos azues e pousos desassombrados.

Uma noite, quatro tochas accesas em volta de um cadaver estendido sobre tosca eça, avisava-se em uma sala de 1º andar da rua dos Ourives.

Ao lado desse corpo, que ia ser dado á se

pultura, um homem de cerca de cincoenta annos, trajado de preto, com o cotovello apoiado á borda do caixão, descansava na dextra a fronte scismadora e olympica, com os olhos rastos d'agua, com os labios tremulos de preces lustraes.

Sabeis ? aquelle finado era o professor Birany, e o companheiro, na vida e na morte — Carlos Kornis Totvarad.

A partir daquelle momento, o *atelier* de daguerreotypia dos dois hungaros, já na rua dos Ourives, uma vez deserto de um dos seus donos, declinou rapido, desappareceu em seguida.

Até ahi, Kornis, o polyglota, o artista; mais adeante, o discutidor, o jurista, o sabio.

Acompanhemol-o.

III

Falseamento imperdoavel ás leis geraes da critica seria comprehender-se um alto espirito como Carlos Kornis aferrado a idéas estreitas, a preconceitos que a boa razão repelle.

Talhado para desbravar; até aos confins maninhos, as veredas accidentadas da liberdade, desde a Hungria, sua patria perdida, essa intuição se lhe apoderou do animo, traçou-lhe planos, manifestou-se vehemente de seu ensino universitario, ao enthusiasmo dos moços, ao fragoroso atropelo das revoltas.

Combatendo pela republica, tomando parte a descoberto em discussões contra o casamento, cujos direitos e correlações não dissessem respeito ao Estado, o sabio professor de Pesth já-mais trahira principios que lhe eram proprios, e, neste ultimo caso, embora catholico, insurgiu-se em desproveito da **egreja hungara**, desde que ella deixou de considerar as uniões matri-

moniaes pura e simplesmente como sacramento espiritual.

Nesta cidade, um facto se deu relativo á questão de matrimonio, que, devéras, alarmou o espirito publico e a imprensa, visto como feria de morte interesses de seitas, aluindo pela base a constituição da familia cuja crença não fosse a do Estado.

Motivando o incidente a declaração de « irrito e nullo » lançada pelo bispo do Rio de Janeiro ao acto matrimonial de Margarida Kerth, que se convertêra ao catholicismo, o escandalo foi tanto maior quanto,

com expressa licença e consentimento episcopal, essa mulher se vinculára em segundas nupcias, vivendo o marido.

Sobresaltados os poderes constituídos pelo alvoroço despertado á derrama da noticia, apresenta o governo imperial, em 19 de julho de 1858, uma proposta, solicitando a adopção do casamento chamado *civil* para os casamentos mixtos e entre pessoas que não professassem a religião do Estado; visando com isso antepôr-se



a arbitrariedades e abusos inconfessaveis, e restabelecer a tranquillidade na inquietação dos lares ameaçados.

Levada ao parlamento a questão, o clero, professores das academias de direito, os ultramontanos, emfim, travaram peleja em favor de suas idéas, todos, porém, batendo-se, mais ou menos, pelo supposto dogma da igreja, referente á materia, em pleno desaccôrdo com os canonistas, que não assignalam interferencia do culto catholico em fórmulas nupciaes como contracto social.

Dest'arte arregimentados, a lucta não era lucta, a palavra despia-se de qualquer vibração, e o pleito, sem ultrapassar o primitivo terreno, nada trazia como solução definitiva.

Carlos Kornis, porém, cuja erudição jámais lhe servira de pesada e immobilisadora armadura, arroja-se inesperado á imprensa, e com a assimilação de descommunal preparo, oppõe-se á doutrina do bispo e do clero, discute as razões do parlamento, difundindo vivissimo clarão a dissipar trevas, sempre grande, sempre convicto, sempre superior em seus argumentos.

Na camara, havendo encetado o debate o conego Pinto de Campos, procurou desde logo o orador firmar em dogma a theoria da inseparabilidade do sacramento e do contracto matrimonial, acoimando de herejes as nações que

não partilhavam de seu conceito, que se não collocavam no seu ponto de vista.

Assim arremessada a luva, Carlos Kornis a suspende da arena parlamentar, compreendendo-se obrigado a discutir a remontada these, historica, philosophica e theologicamente.

Tratando da parte historica e philosophica, refuta a Pinto de Campos asserções falhas; contestando que a dissolução dos costumes fosse, segundo a opinião por aquelle orador expendida, a consequencia da legislação regulando contractos matrimoniaes, porém antes dos revoltantes exemplos do clero, usurpando poderes que só competem ao Estado.

Concluindo que, entre os romanos, a legislação civil, e não o sacerdocio, regia negocios affectos ao casamento, o sabio polemista húngaro opulenta-se em citações de auctoridades catholicas, que lhe fortalecem a doutrina, de theologos e canonistas em palpavel antagonismo com o sacerdote deputado, demonstrando mais adeante a compatibilidade das seitas catholicas com a realisação dos fins do Estado, por isso que, quaesquer que sejam as seitas, pertencendo todas á familia civil, devem igualmente partilhar dos direitos civis por aquelle concedidos.

Insistindo que a restricção destes direitos importa uma violação aos principios de tolerancia, o ex-lente da Universidade de Pesth intercala,

nos substanciaes capitulos, textos originaes em que se baseia, authenticando a sua boa fé, a sua sinceridade de mestre.

Quanto aos direitos do poder temporal, em virtude de leis especiaes sobre a materia, Kornis encanta e assombra de erudição nos magnificos artigos, descrevendo costumes nupciaes entre os judeus, romanos, gregos, persas, indios, moscovitas, assyrios, babilonios, scythas, chins, germanos, etc., — um labyrintho de por menores, instructivos, interessantes.

Tendo por fim esse capitulo destruir as asserções de Pinto de Campos, combate o formidavel contendor o poder temporal, evocado pelo orador acima, passando em revista os escandalos dos papas como prova de que os debilitantes exemplos não são menos frequentes, e a dissolução dos costumes, quando o casamento é considerado, em absoluto, enlace religioso.

Em sua constante extensão de vistas, planejando em remontadissimas esphas do saber juridico, o argumentador illustre, na segunda divisão da luminosa polemica e da sua obra *Casamento Civil*, cap. I, occupa-se detida e minuciosamente dos direitos do Estado inherentes ao casamento, valendo-se nesse intuito de transcendentos conceitos, colhidos da religião, do direito ecclesiastico e da historia.

Na terceira parte, em observancia ás classi-

ficações estabelecidas, e rebatendo o parecer do dr. Braz Florentino, sancionado pelo arcebispo da Bahia, leva á convicção de que o pleito é de méra justiça e não de conveniencia politica, em nome do Estado e da Religião.

Não permittindo, deduz Kornis, a fraternidade evangelica que os acatholicos sejam excluidos do gremio civil, como de facto pretende o esclarecido lente da Faculdade do Recife, a heresia deixa de ser um attentado ou um perigo para o Estado, dando-nos disso prova a Inglaterra, a Prussia e varios paizes protestantes, que não se arreceiam de favoravel confronto com os catholicos.

Neste ponto collocados a polemica e os debates, as propostas e controversias, é que a emenda substitutiva foi apresentada pelo sr. Paranaguá, então ministro da justiça, emenda esta impugnada pelo publicista emerito, que contradicta dizeres do ultramontano estadista, muito principalmente quando appella para o direito divino em materia de justiça civil.

Recrudescendo de vehemencia o tom da discussão, ao affrontoso epitheto de « inimigos do paiz », atirado por Paranaguá aos acatholicos, com factos historicos demonstra, á evidencia, o cathedratico de Pesth, que a intervenção da igreja, em assumptos pertencentes á jurisdicção civil, tem apenas sido prejudicial e nefasta.

Combate a « constituição clerical », reverenciada pelo ministro da justiça, provando com leis antigas de povos christãos que, em todos os tempos, era exclusivo ao poder civil dictar as leis que regem as condições de legitimidade, validade e relações jurídicas em materia de matrimonio.

A' abundante serie de argumentos que se cruzam na polemica, que vem corroborar idéas expendidas, avultam, averiguando a independencia da legislação civil reconhecida nos primeiros seculos do christianismo, opportunas indicações no *Digesto* e nas *Institutas* de Justiniano, além dos modernos codigos.

Contrariando os ultramontanos, que reconhecem como legitimos até ao tempo de Christo os casamentos gentilicos, accusa-os de contradictorios, transformando-os depois em concubinatos, quando não officios pelos padres romanos.

Em opposição aos apóstolos, que jámais pretenderam regular as condições naturaes e juridicas das uniões matrimoniaes, o ministro Paranaçuá, accitando a reprovada doutrina, confunde o direito de consagrar um acto com o de legislar determinando os effeitos naturaes e juridicos do mesmo acto.

Verberando o proceder incorrecto do bispo do Rio de Janeiro, no caso da mulher Kerth, o

vigoroso jurista cita canonistas da igreja latina, que prohibem casamentos entre catholicos e hereges como illicitos, sem todavia condemnal-os por invalidez.

Assim, a lei não poderia tomar conhecimento do crime de adulterio, que escapa aos « efeitos civis », e os casamentos acatholicos se nivelariam aos putativos, aos quaes as *Ordenações* tambem conferem innegaveis regalias.

A contenda prosegue, convencidas razões são produzidas por eloquentes parlamentares e pelo criminalista de Pesth que, ao encerrar-se a discussão da emenda, a capitúla de insufficiente, ociosa e illusoria.

E grave, imponente, solenne como um divino da Chaldéa, o exilado apostolo da liberdade da Hungria, arremessando o olhar de vidente para além de decennios proximos, desfere um brado que, rolando dos promontorios do tempo, echoa sonoro de actualidade na ultima pagina de sua obra :

« — Deixemos, sr. ministro, as discussões de uma religião e religiosidade affectada! Argumentemos com os principios invariaveis da justiça eterna e do direito natural, egual e identico para todos ; e não com os sophismas e com o mysticismo dos ultramontanos e fanaticos.

« Não ambicionemos maior fidelidade e orthodoxia, em relação á doutrina e dogmas da

Egreja do que os francezes, filhos mais velhos da egreja! Não hesitemos adoptar, para todos os cidadãos igualmente membros da grande familia nacional brasileira, a instituição do casamento civil. »

Na cathedral mystica dos eminentes espiritos que, ao perlustrarem o Brasil, collaboraram no nosso engrandecimento, Carlos Kornis avulta, de empinada fronte, não engrinaldada d'essas flôres que se fanam ao sol de um dia, porém de laurel entretecido pela immortalidade do patriotismo, da erudição e do genio.

Entretanto, o mestre excelso, o penitente da daguerreotypia, o precursor de uma instituição que é uma das ufanias do presente regimen, penou e morreu em plaga fluminense, ao abandono de todos, aos affagos torturantes da miseria.

E' este quasi sempre o destino dos homens raros em paizes novos!

Depois do sabio, o artista.

Estudemos Insley Pacheco.

IV

A 15 de janeiro de 1840 fundeára no porto do Rio de Janeiro a corveta franceza *L'Orientale*.

Dentre os desembarcados, um individuo com habito clerical se apartára dos demais, indo hospedar-se no Hotel Pharoux.

Na manhã seguinte, o sacerdote naval appareceu a uma das sacadas do hotel e, como que mirando pontos, adeantava-se, retrahia-se, apurava-se, occultando-se após sob um panno preto de alguma coisa assestada para esta, para aquella direcção.

Desconhecido a principio, soube-se em breve ser esse personagem o padre Combes, capellão do vaso de guerra acima mencionado, e que, possuidor de uma camara escura de Daguerre, reproduzira tres vistas da pittoresca localidade — o largo do Paço, a Praça do Mercado e o mosteiro de S. Bento.

Havendo disso noticia o Imperador, o capellão-artista foi convidado a exhibir experiencias

no palacio de S. Christovão, o que, acompanhado do commandante, realisou, em presença do soberano, daguerreotypando em nove minutos a fachada do edificio.

Dahi datam os primeiros trabalhos no genero, que aqui se fizeram.

Viajante, porém, o padre Combes deixou com pouca demora esta cidade, succedendo-lhe na arte, com estabelecimento á rua dos Latoeiros n. 36, os francezes Beauvelot e seu socio Duprat, e mais tarde duzias d'outros, contando-se neste numero os professores Carlos Kornis e Birany.

Tomando posto ao lado dos melhores, á rua do Ouvidor n. 31 abriu casa, em 1854, Insley Pacheco, pondo em pratica o apprendimento do americano Brad, isto é, o systema de Daguerre.

Não obstante a proclamada nitidez de sua execução, e incomparabilidade resultante de seus retratos, a ambrotypia, de que foi elle o introductor com *atelier* nesta capital, absorveu-lhe tempo e labor, resultando do intenso acolhimento lucros crescentes, proventos incalculados.

Entretanto, o photographo jámais esquecia o pintor; Insley Pacheco trasladava infatigavel para a pintura a oleo rudes paizagens, fragmentos furados de limosas e rompentes pedras dos

nossos mares, genuflexorios verdejantes das nossas montanhas.

Seduzido por esses devaneios, obedecendo a tendencias innatas, Arsenio Silva estende-lhe mão de amigo e mestre, guiando-o em ignorada viagem, através da pintura.

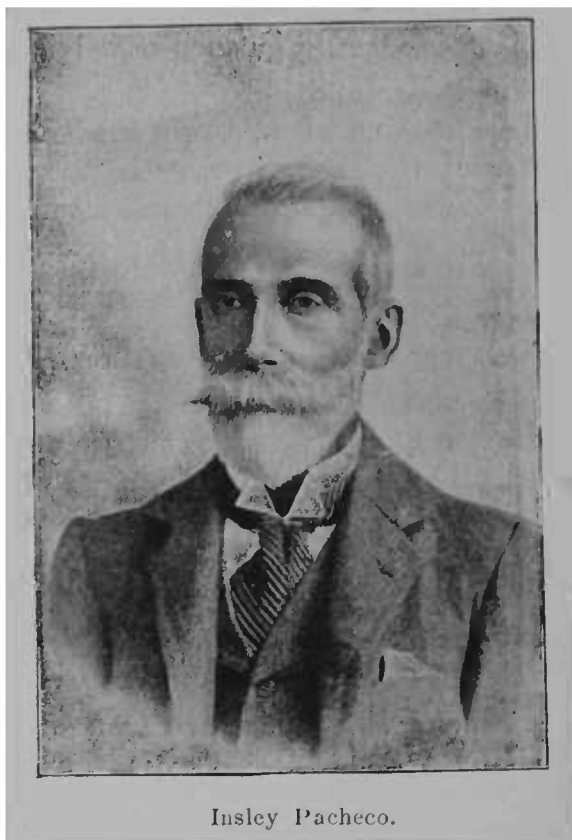
Já adextrado na sciencia do desenho e na planimetria aerea, que é a sciencia dos valores, as celebres *gouaches* de Arsenio abrem-lhe suave rumo ás aspirações da paizagem, adoptando desde logo o pintor-photographo esse genero de trabalho em que, com tanta vantagem, é utilizada a gomma para fixar as côes.

Preferivel a *gouache* á reproducção de scenas dos ardentes climas, tornou-se Pacheco o interprete da nossa natureza selvagem e dos nossos céos, cujos aspectos são variados e fugaces, dos nossos arvoredos excelsos e das nossas aguas que, contornando terras, reflectindo perpendiculares sombras, constituem alegres notas de seus enquadramentos d'arte.

E de *gouaches* e de pinturas a oleo e a *pastel* amontoa cabedaes o aproveitado discipulo de Arsenio Silva que, na reproducção dos nossos horizontes, das nossas aguas, da nossa vegetação, colloca-se entre os mestres da paizagem americana, cujo espirito e sentimento transparecem no aprimorado do desenho, na tonali-

dade da folhagem, na harmonia geral da composição.

Em afan de aspirações, aos deslumbramen-



tos dos dominios da arte, no estímulo que re-
renta das vocações poderosas, Insley Pacheco,
possuidor de formulas esplendidas, rodeado de

apparelhos custosos e de ultimo aperfeiçoamento, inaugura sumptuoso *atelier* na mesma rua n. 102, e a deprehender do que se lê nos jornaes do tempo, fôra semelhante estréa memoravel jubiléo nos fastos historicos das nossas bellas-artes.

Ao requinte de um luxo accentuadamente esthetico, ao turbilhão de tantas magnificencias decorativas, a primeira exposiçãõ particular na especie se realisára na antiga côrte fluminense, distinguindo-se aqui e além o que a gravura estrangeira apresentava de mais recente, bem como as illustrações da *Biblia* e do *Inferno* de Dante, por Gustavo Doré; as inimitaveis flôres de Constantino, vasos de Sèvres, do Japão e da China, ricos espelhos, tapetes, estatuetas, etc. — radioso e condigno templo ás celebrações da protectora Musa.

E em lindissimas molduras a encostos de damasco, sobre leves e dourados moveis, ornamentando paredes e columnatas, retratos tirados ha muitos annos pelo systema de Daguerre, em perfeito estado de belleza; photographias sobre papel e diaphonographias, processo este de invençãõ do expositor, avultada collecçãõ de paizagens a oleo, *pastel*, lapis e *gouaches* produzidos pelo mesmo Insley Pacheco.

E a familia Imperial, individualidades politicas, as illustrações do tempo, as moças mais

formosas da aristocracia passaram ante as objectivas do *atelier principesco*, o mais notavel do Rio de Janeiro, o mais completo da America do Sul.

Perseverante, conhecedor da origem e dos destinos de sua arte, o aristocrata *photographo* calcula outras distancias, segue ignotas trilhas, isto é, empenha-se em aperfeiçoamentos artisticos, que lhe são proprios, em descobertas correlatas que o assignalam e nobilitam.

Neste ultimo caso, temos os retratos em porcellana obtidos por dous processos, em 1866 e 1867, cujos exemplares, á semelhança de tropheus em suas collecções, ainda comprovam a nitidez, a transparencia, a perfeição do primeiro instante.

Introductor incontestavel da *platinotypia* no Brasil (1883), os seus planos vingaram desde logo, sendo o *systema* adoptado sem reservas pela generalidade dos nossos *photographos*.

Nesse labutar constante, em proveito da arte a que com tamanho fervor se votára, o desalento seria uma falta, a impassibilidade um crime.

E adstricto á formula deste conceito, na fé de suas concepções, Pacheco dá curso nesta capital a retratos coloridos por *systema mecano*, aparentemente *miniaturas* em marfim, outr'ora denominados *hallotypos* e presentemente *photominiaturas*.

Trazendo recentes normas á tiragem de retratos photographicos, dispondo da technica da profissão, commungando em remontados principios estheticos, eil-o que avulta como uma columna dorica nos varios ramos photographicos, dedicando-se, porém, em seu moderno e apparatuso *atelier*, a reproducções sobre papel, ao invento de Talbot, do qual os demais photographos balbuciavam apenas incorrectos preceitos.

Discipulo de grandes mestres, com recursos senhoriaes, o apresentador da platinotypia legisla em sua arte, arregimenta adeptos, assiste por longos annos ao desfilar procissional de uma elite de clientes, que lhe deixam no transitio perfis illustres a exornarem-lhe as galerias, o doce oval de semblantes esplendidamente divinos.

Dependendo em absoluto a boa photographia da disposição do modelo e das duas luzes combinadas, Insley Pacheco, devido ao seu *savoir-faire*, nos exhibe desde seus primitivos trabalhos provas que revelam a sua predominancia artistica.

Ninguem melhor do que elle escolhe a *pose* conveniente a cada figura, a expressão natural, apprehendendo mesmo particularidades de caracter que fazem que os seus retratos possam

servir de documento *physionomico* e até certo ponto *psychico*.

Dirigindo, segundo a sua compreensão do bello, a technica da *éclairage*, as suas *photographias* são primorosas de effeito, disfarçando o quanto possivel o que á arte prejudique por desagradavel.

E' sem o constrangimento do modelo, sem preocupações de postura, sem o estudo convencional dos gestos, que a arte *photographica* se torna sincera, reflectindo a imagem *authentic*a dos originaes.

E disso havemos a garantia nos exemplares do operador em questão que, ao rapido mostrar de um retrato, provindo de seu *atelier*, a qualquer observador mesmo destituído de espirito de *analyse*, este, satisfeito do confronto com o retratado, diz calma e espontaneamente : « ó falta falar. »

Que melhor critica para um *photographo*, quando é artista?

Reatando assumptos, convem adeantar que a paixão da pintura jámais deixou de fazer vibrar a alma do paizagista insigne, no evoluir dos tempos, das circumstancias, dos acasos.

A's vezes, como que coada pelo nevoeiro, uma figura pequena, magra, de cabellos alvos e silenciosos como a neve, de caixa e *palheta* sobraçadas, lesto, porém, como um caçador de

cabritos montezes, volteia as praias, ronda florestas, galga os mamelões negros das restingas, espalhando, perplexo, olhar inspirado...

— E' o paizagista Insley que vae surpreender o sol nos braços da alvorada; é o alumno eminente de Grazoffre e Arsenio Silva que rouba aos nossos crepusculos feericos os borrões de suas tintas para animar-lhe as télas, os *pasteis*, as *gouaches*!

Felizes aquelles que, como Insley Pacheco, nos velhos annos, podem ainda crer e sonhar!...

A OPERA NACIONAL

DOM JOSÉ AMAT

I

Evidente inquietação horripilava o corpo inteiro da Hespanha durante a guerra civil de 1833 a 1841.

Em represalia ao partido de D. Carlos, a quem Fernando VII excluira dos direitos á corôa em favor de sua filha Isabel, as rixas populares, as revoluções armadas succederam-se intermitentes, borrifando de sangue as faces da nação, e dos patriotas que vozeavam nas ruas e nas praças, clamando contra a usurpação testamentaria, arvorando cada partido o estandarte de suas razões, a flammula rubra de suas intransigencias.

A esse eclipse nacional, em que os dias

despontavam como uma ameaça, e as noites como cúmplices de todos os crimes, o turbilhão dos perseguidos absorvia-se na escuridão húmida dos cárceres, cuja candeia veladora, lambendo de fogo as baionetas das sentinellas, destacavam a fugaces reflexos, no segredo das masmorras, frentes insurrectas e heroicas, cabeças de empavezamento sublime.

Na temerosa quadra, naquella paiz de tradições cavalleirescas, á hora da meia-noite, em uma das prisões reaes, ouviu-se um trepidar de porta qua se abria, allumiando o relampago das baionetas dois vultos que se escapavam, escalando após a muralha, apagando-se na invisibilidade do além.

Resa esvaecida chronica oral que aquella escapúla fôra de antemão preparada pelo carcereiro das enxovias do Estado, sympathico á facção carlista, que, fornecendo aos fugitivos grosseiros bureis dos confessores da prisão, lograra libertal os, a elles que, por multiplas vezes, haviam tomado parte em sanguinolentas escaramuças e formidaveis pelejas, adversos á vontade do rei, que, supprimindo a lei salica, passára o throno á princeza Isabel, sob a tutela de sua mãe a rainha Maria Christina.

E, errantes de clima em clima, de paiz em paiz, aquelles foragidos chamavam-se os coroneis dom Magarinos e dom José Amat, poste-

riormente banidos como traidores á patria hespanhola.

Correram os annos, a alma confrangia-se-lhes de sobresaltos, até que, em 1848, os dois carlistas vencidos se encontraram no Rio de Janeiro, seguindo depois Magarinos para o Rio da Prata.

E foi assim que José Amat, artista de escolha e inspiração, outr'ora arregimentado no estado-maior de D. Carlos, aqui se destinára ao professorado de musica, valendo-nos isso o florescimento de uma phase ainda sem igual na musica brasileira.

Pianista agil, tangendo o violão com o languor com que só se o tange na nobre Hespanha, foi ás dedilhações daquelle e aos arpejos deste, nas bellas « seguidilhas » por elle entoadas em nossos fidalgos salões que a modinha readquiriu o fulgor perdido, e que os rythmos hespanhóes, dilatando o gosto, serviram de ouvertura a novos commettimentos scenicos.

O professor de piano e canto, o forasteiro militar, contrahindo nupcias em uma familia illustre, as suas relações ampliaram-se, acercando-se do mestre discipulos de distincção e dinheiro.

Nos saráos optulentos e nas festas intimas, José Amat constituiu-se o centro de um synodo harmonioso de poetas e musicos, victoriados

pela *élite* fluminense, de homens d'Estado, banqueiros, litteratos, altos funcionarios publicos, etc.

E cantando ao violão ou ao piano, romanças, barcarolas, trechos de operas, serenatas e modinhas com lettra de Gonçalves Dias, Porto Alegre, Vieira da Silva, Antonio Carlos de Andrada, Machado e Silva e outros, o guerrilheiro exilado embalava em suas suaves composições musicaes o que a lyrica nacional possuía de mais bello na poesia do passado. São deste numero *A concha e a virgem*, *Minha terra tem palmeiras*, *Teus olhos*, e *Meu anjo, escuta*, do inegalavel cysne maranhense.

Em largos traços, eil-o o crepusculo vespertino da nossa Opera Nacional, que, dissipando nevoeiros, dourando elevados serros, desfiando novelos de luz por feericas paragens, formára o grandioso scenario em que os heróes dos poemas orchestrados, e vocações irreductiveis, seguiram, alviçareiros, trilha de seducções e de renome.

Com vagos lineamentos de origem nos concertos de Amat e nos primitivos espectaculos do Provisorio, em começo de 1857, vemos no palco do theatro de S. Januario montada a « zarzuela » *A estreia de uma artista*, por iniciativa de um grupo que alli se exhibira, constituido em sociedade, para representações lyricas, dividindo em *sessões limitadas récitas*.

E quem figurou nessa primeira « zarzuela », cujo sulco é uma ponte florida para a definitiva fundação da Opera Nacional?

A' frente desse movimento, justamente celebre na historia do nosso theatro, o relevo dos perfis define a adeantada tentativa e a superioridade do objecto. Cantaram nessa memoravel noite dona Luiza Amat, d. José Amat, Charpentier e Ribas, precedendo o espectáculo classicos córos, executados por allemães, sob a direcção do conhecido negociante desta praça o sr. Christiano Stockmeyer; e esse conjuncto, o pessoal completo do *Saengerbund*, prestando desinteressado auxilio á nascente empreza, constituindo córos especiaes ou preenchemdo os das operas, motivou a criação de aulas de musica para habilitar coristas, que em breve succederam á obsequiosa coral germanica.

O successo da « zarzuela » armou incentivos, o esforço individual resoluções efficazes a respeito dos destinos do nosso theatro lyrico.

O salão do S. Januario, trovejante de applausos, o Imperador, jubiloso em seu camarim pelo desempenho devéras artistico, sendo ministro o marquez de Abrantes, resultou dessa estreia valorosa animação do governo, que fizera baixar um decreto, creando a *Imperial Academia de Musica e Opera Nacional*.

Sem theatro proprio, dando representações

no S. Januario em 1857, e **alternativamente**, no S. Pedro, Provisorio e Gymnasio, a imperial associação conseguiu verba no orçamento, concessão de loterias, favores innumerados, que reventaram em glorias para a arte musical brasileira.

E nem só isso, porém local para um theatro, não se effectuando a construcção em consequencia de divergencias, que não vem a proposito mencionar.

Ao passo que o grupo de d. José Amat caminhava acelerado para a Bethlém, que mirava, de seus idéaes, o Conservatorio de Musica, a cargo de Francisco Manuel, illustrava o quadro da corporação docente com os radiosos nomes de Dionysio Vega, Gianini e mais laureados da musica, que se engrandeciam na cultura assidua dos nossos promettedores talentos, attra-hindo assim a mocidade da capital e das provincias, que se alvoroçava em demanda das glorificações da arte, cujos poemas cantados succediam-se magnificos e com prolongadas repercussões nos quatro horizontes do paiz.

E a *Imperial Academia de Musica e Opera Nacional* proseguia em triumphante vereda, robustecendo vocações, consagrando aos tufões de flôres vistosas e odoríferas, noveis cantores que se tornaram artistas, vozes que perduraram na sympathia publica.

Por tal maneira favoneada, jámais fôra presenciado erguer-se entre nós empreza de theatro.

Jactanciosos aquelles que a fizeram delinear, desde as inesqueciveis noites de suavissimas cantilenas ao violão até os festonados prosce-nios contra os quaes esbarravam multidões de applaudidores, a nossa opera evoluia brilhante, tendo para amparal-a prestigiosas dedicações, espiritos nutridos e eminentes.

Dando-se no Brasil o opposto do que a critica sempre notára na Europa, e vem a ser — o desquite absoluto entre os grandes poetas e os grandes musicos, visto como nenhum *libretto* é subscripto por summidade do Parnaso universal, a opera fluminense congregou, desde seu inicio, individualidades da cultura de José Feliciano de Castilho e De Simoni, intuições litterarias que fulguravam naquelle meio como gottas de orvalho sobre uma seára recente.

Nem só de estreias artisticas opulentavam-se o S. Januario e demais theatros em noitadas lyricas.

Durante os primeiros annos, traducções e adaptações de *librettos* estrangeiros foram de mistér, em proveito de excellentes partituras, dahi provindo que cada opereta, cada opera, executada com a palavra nacional, importava

dupla saudação, bipartidos louros, ao poeta e aos cantores, nos desempenhos elevados.

Inventariando as mais antigas récitas, logo após á *Estreia de uma artista*, traducção do dr. Silva, e o *Brincar com fogo*, versão de José Feliciano de Castilho, vemos que a Opera Nacional, emergindo ás tonadilhas de José Amat, avigorou-se com o elemento estrangeiro, nacionalizado em boa parte por nossos poetas, uma pleiade de rapazes que ainda sonhavam para seu encanto, para seu embevecimento.

Dahi, os *Diamantes da corôa*, o *Dominó azul* e *Boas noites, sr. d. Simão*, versão de Quintino Bocayuva; *As bodas de Joanninha* e o *Pipelet*, de Machado de Assis; a *Volta de Columela*, *Os Expostos*, *Quem porfia sempre alcança*, *D. Checco Cerfolio* e a *Norma*, do professor italiano Vicente De Simoni.

Depois, os « librettos » *A noite do Castello*, de Fernando dos Reis; *Joanna de Flandres*, de Salvador de Mendonça; *A côrte de Monaco*, de Francisco Gonçalves Braga; *Moema* e *Paraguassú*, do dr. Francisco Bonifacio de Abreu; *A noite de S. João*, de José de Alencar; e o *Vagabundo*, cujo auctor nos escapa á memoria.

E, por fim e por ultimo, arcadas de rabeça esvaindo-se como centelhas nos longes obscuros daquelles palcos, hymnos orchestrados e palmas triumphaes, celebrando a passagem pela

Opera Nacional das quatro maiores figuras da
nossa musica contemporanea :— Carlos Gomes,
Henrique de Mesquita, Domingos Ferreira e
Elias Lobo.

Estudemos Gomes e Ferreira.

VI

CARLOS GOMES

I

Já se havia proclamado a Republica.

Entre o sonho e o despertar, as ambições e a estupefacção, o paiz tomava para as bandas de um futuro de roteiros imprevisitos.

Intervallando o terror, festas officiaes e sa-ráos encadeiavam por instanteis o pasmo, transportando as esperanças.

Foi precisamente por essa occasião que nos concedeu o destino conhecer Carlos Gomes, o artista que, fatigado de estrangeiros triumphos, demandára terras da patria, onde outros sóes retemperar-lhe-iam o alento para mais commettimentos que lhe apotheosassem o poente da vida.

E esse encontro se deu na ante-sala do pa-

lacio do illustre dr. Francisco Portella, então governador do Estado do Rio, em data anniversaria, entre risos alegres e decorações magnificas.

Ao vê-lo, aos sermos apresentado pelo escolhido republicano ao famoso artista, cujo nome de ha muito chegára á nossa justa obscuridade, a impressão que disso recebemos tornou-se inapagavel, bem como concisas phrases de rapidos dialogos que com elle entretivemos.

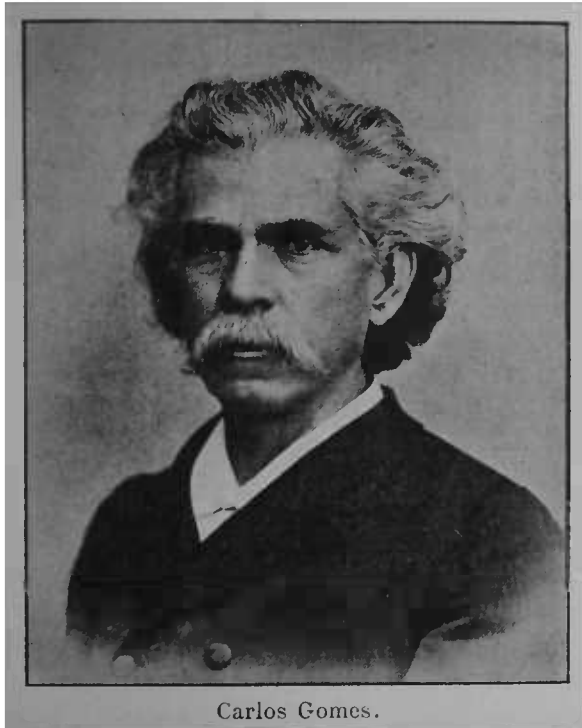
De semblante quasi selvagem, de aspecto quasi leonino, aquella nobre cabeça distinguia-se de todas as outras; e a sua voz, estacada e marulhosa, lembrava uma caudal interrompida aqui e alli por pedregaes abruptos.

E a festa rumorejava calorosa, os *toasts* erguiam-se á distancia, as dansas, varrendo o salão, accendiam desejos, alentavam contentamentos no seio febril dos pares, felizes da noite, ensoberbecidos da honraria.

A principio Carlos Gomes, o dr. Portella e o auctor deste estudo, em grupo isolado; depois o *maestro* do *Guarany* e nós, seu humilde interlocutor, preso á sua palavra, attento á mobilidade de sua expressão.

Apreciações divergentes, conceitos solidarios, uniformidades estheticas, até que o facto historico do 15 de novembro cresceu á entrevista, proferindo o artista, grave, sincero e con-

vencido, uma dessas phrases que definem os grandes caracteres, caminhando de mãos dadas com os grandes talentos : « Si não fosse o Imperador, eu não seria *Carlos Gomes* ».



Depois... retomando assumptos deixados, a nossa conversa manteve-se constante em esplanadas da arte, **completamente** estranhos ao objecto do dia e ao objecto do inaugurado regimen.

A partir daquela noite, Carlos Gomes deixou de ser para nós uma individualidade abstracta, para se tornar o que sempre fôra, isto é, uma intuição musical digna de aproveitadas preocupações, uma figura genial que passou por este mundo, tendo como flôres a alastrar-lhe as veredas os reflexos de seus proprios louros.

Em seu estudo psychologico sobre causas, consequencias, leis e phenomenos da hereditariedade, Th. Ribot, em sua obra *L'Hérédité*, apresenta-nos o caso do pae de Rossini ser musico de feiras na Italia.

Com Carlos Gomes, nascido em Campinas aos 14 de junho de 1839, a lei biologica de transmissão de aptidões se verificou, consistindo porém a differença em que o seu progenitor, o velho Manoel José Gomes, era musico de superior classificação, e Carlos Gomes, quando menino, diversamente do immortal compositor do *Barbeiro de Sevilha*, jámais se exhibir, tocando, em folias de arraial.

S. Paulo, sua provincia natal, em afastados tempos, suspendera ninhos, onde, fulgores da malina encontravam, firmando vôos, talentos que a nobilitaram, aguias que cruzaram luminosas os nossos horizontes, poetas que deixaram sonoros os nossos ares.

Alvares de Azevedo e José Bonifacio, em primeira linha, dominaram uma geração illustre

ás vibrações de bronze de sua lyra; e elle, o futuro partiturista do *Guarany*, saturára-se bem cedo das composições de Bellini e Verdi.

De familia menos que abastada, sem aspirações litterarias, a musica e exclusivamente a musica absorveu-o na adolescencia, mesmo porque, em inculto meio, fazia-se preciso secundar a competencia paterna, seguir outra vontade, vontade inabalavelmente sua, por impulsões nativas, predestinação do genio.

Tocando clarineta e rabeca, compondo e cantando modinhas, acompanhando em concertos ambulantes o seu progenitor, conduziram-n'os os fados á capital academica, na qual uma *republica* de estudantes o attrahiu ás suas *prosas*, a noitadas musicas, a serenatas ao luar.

Recente mestre de banda em Campinas, auctor de dobrados, marchas, e de duas missas da escola pacciniana, o piano, como os demais instrumentos, lhe fôra obediente; e tão habil percorria-lhe o teclado que, no *paiz das republicas*, em arredores da Academia de S. Paulo, o seu nome resplandecia de louvores, como um idolo de adereços magnificos.

Com a organização da Opera Nacional, que desfraldava novo estandarte ás aspirações musicas brasileiras, não escasso foi o numero de intimos que *suggestionaram* ao modesto Manoel Gomes enviar seu filho ao Rio de Janeiro, a fim

de proporcionar-lhe estudos de contraponto, de levantar-lhe os ideaes em busca de futuros de ouro e de glórias.

Reluctancias, acceitaveis escusas, contemporações, vindo o incidente de residir o novel compositor e mestre de banda na *republica* dos estudantes de direito, Bittencourt Sampaio e outros, pôr termo a razões, arrancal-o á familia e até aos alegres companheiros da famosa Paulicéa.

Como preparativo dos acontecimentos, como circumstancia determinante da prompta resolução de Carlos Gomes, é facto que decorre de uma noite de delirio quando, o campineiro musico, ao piano, cantára arroubado o seu *Hymno Academico*, com lettra de Bittencourt Sampaio, hymno este que todos os estudantes sabiam de cór, que gerações successivas repetiram com o mesmo calor, e cuja ultima nota esvaiu-se quando S. Paulo deixou de nos dar poetas e musicos, para offerecer ao Brasil politiqueiros de raso nivel.

E os applausos, os bravos, os hurrahs, os *toasts* a champagne fizeram tremer o tecto da sala; mais e mais estudantes alli reunidos agruparam-se em torno do piano e do pianista, afevorando-se animações, augurios propicios áquelle que, por modo tão alto e artistico, déra á Academia de S. Paulo vozes harmonicas, fala dis-

criminavel entre as demais academias do Brasil.

Como uma repercussão de insinuações multiphas, em aquella noite phrases foram reeditadas pelos estudantes em alvoroço, com mais justo motivo, com fundamentadissimo empenho.

Ao bisar-se o hymno, á repetida audição do esplendido trecho entoado aos apparatusos effeitos do piano pelo auctor, do grupo e dos rapazes dispersos partiram novas acclamações, estrepito de palmas, manifestações victoriosas ao romeiro da arte, ao concertista de occasião.

E, « vae para a côrte, Gomes », dito por um, e circulando com interesse caloroso, alvoroço intuitos, levantou horizontes, fez-lhe despontar a esperança em plagas de areias scintillantes de insonhados futuros e transcendente renome.

— « Parto já, hoje mesmo! » — eis a resposta tão simples e incisiva do joven *maestro* que, num arrebatamento sublime, demudado na côr, no gesto, em tudo, desce trepidante as escadas, ordena ao pagem encilhar-lhe a mula, e partindo para Santos, toma no dia seguinte o *Piratininga*, que o trouxe ao Rio de Janeiro.

Compativel com o regimen politico de então, o amparo provado e os desassombrados estinulos ao talento, Carlos Gomes, um anonymo nesta capital, um matuto pobrissimo, demanda confiante, para abrir caminho, o palacio de S. Christovão, e acolhido pela paternal bondade do Im-

perador, matricula-se a mando desse soberano na aula de contraponto do Conservatorio de Musica.

Compositor de mera inspiração, varios trabalhos que produzira na provincia, de muito contribuíram para a sua adeantada inscripção no curso de Gianini que, desde superficial exame das composições exhibidas, lhe encareceu os meritos a Francisco Manoel, não obstante incorrecções naturaes á sua superficial sciencia musical.

Quasi de subito, porém, clarões se irradiaram no Conservatorio de Musica, por isso que, superiores vocações ampliaram-lhe o portico, dando passagem a predestinados da nossa musica, cujo pedestal se firmára mais tarde nos proscenios da Opera Nacional.

Com o alentado ensinamento de Gianini, Moura e Demetrio Rivero, o novel alumno paulista devassou mundos ignotos, prolongando-lhe o exito impecaveis *Cantatas*, uma das quaes executada na egreja da Cruz dos Militares em 1860, com letra do tenente-coronel Antonio José de Araujo.

Note-se que a distincção partira de Francisco Manoel, que já o havia estreitado nos braços após uma outra d'aquellas composições para exame do Conservatorio, vocalisada a *orchestra*, em presença de D. Pedro II e da sua côrte.

Nas labutas do estudo, em horas veladas do devaneio, Carlos Gomes deixára deslizar o melhor do seu tempo, dando-nos em 4 de junho de 1861 a bella opera *A Noite do Castello*, libreto de Fernandes Reis, com a habil distribuição aos mais bonitos nomes da referida Opera Nacional que, nessa data, eram Luiza Amat, Guillemet, Ribas, Marchetti, Marina e Trindade.

E aquella noite do theatro Lyrico, e aquella trama de harmonias do maestro Carlos Gomes echoaram na historia da nossa arte musical, em meio de flôres e saudações, levadas por maré montante de povo que, se escoando cá fóra, pontuava de sonancias ouvidas os ares silenciosos, exalçando o genio do campineiro artista que, para lembrança de seus triumphos, radiava-lhe ao peito a insignia da Ordem da Rosa, offerecida pelo magnanimo Imperador.

O segundo torneio desse cavalleiro armado pela popularidade occorreu em 10 de novembro de 1863, com a *Joanna de Flandres*, da qual o libretista fôra o talentoso Salvador de Mendonça.

Com equal ou excedente successo, o recente poema musical ultrapassou previstas barreiras, exhibindo-se na sonora festa renovada pauta de cantores, todos, porém, da companhia de d. José Amat.

Remontando a origens que de tão longe tur-

bilhonam, repetem esvaecidos echos a escala nominal da *troupe*, sendo os interpretes da inspirada producção Therezina Boetti, Luiza Amat, Achilles Rossi, José Maria, Luiz Walter e Cervini.

Em estreita scena, entretanto, sobre rampa escorregadia e escura, anonymo personagem crescerá vesgo, com o fim de ceifar as rosas e semear espinhos em o tirocinio do eleito aos genuflexorios d'arte.

Não obstante o disfarce, ninguem o ignorava, pois hontem, mais tarde, agora, a sua denominação foi sempre uniforme — a Inveja.

Para dar-lhe combate e supplantal-a, alguem se apresentára valoroso, estendendo a mão ao artista aclamado, que succumbiria infallivel na desigualdade da contenda.

E esse alguem, essa resolução que tudo podia, chamou-se D. Pedro II que, avultando em espessa penumbra, apontou com o dedo a Carlos Gomes paiz estrangeiro como um refugio de nobre vingança, o Conservatorio de Milão como um laboratorio de auroras matinaes a aclararem-lhe as curvas do porvir, os escarpamentos da gloria.

Aos 10 de novembro de 1863, Carlos Gomes, a bordo do *Paraná*, dizia ultimos adeuses á terra fluminense. E nessa hora em que o oceano e o céu trescalam de poetica tristeza, o musico,

fitando a lua que emergia redonda lá da extrema dos mares sobre uma facha larga de violeta e purpura, contemplava extasiado o maravilhoso espectáculo do dia moribundo, á grande dôr e á gemedora saudade que lhe punham nos seios d'alma.

E não seria porventura aquelle momento singular o que de mais recolhidamente religioso se exhala da *Ave, Maria*, da sublime *Ave, Maria!* do *Guarany?*

II

Em Milão, decorreram mezes, o recém-chegado passou obscura existencia talvez preparante aos seus arrojados planos, ao delineamento como que apagado de ulteriores designios artisticos.

Provido de valiosas cartas que o apresentavam a personagens de influencia e merito, Carlos Gomes, ao entregal-as, dilatava resoluções prévias, ao mesmo tempo que se identificava no util convívio de poetas, editores e musicos, opportunos elementos á derrama de suas produções e de seu futuro nome.

E isso succedeu com o italiano editor Francisco Lucca, o consagrador, pela publicação, de vocações musicas que naquelle momento se manifestaram estreiantes em todos os theatros de Milão.

Não conseguindo matricular-se no Conservatorio de Musica dessa cidade, visto ser estrangeiro, o joven paulista recorre ao professor da

mesma instituição, o *maestro* Lauro Rossi, inscrevendo-se como seu discipulo de contraponto e harmonia.

Em meio de espessa turma de alumnos forasteiros que, como elle, buscára distincta protecção em Rossi, celebridade patria e eminente director daquelle estabelecimento official, o selvagem campineiro tornou-se uma curiosidade a contemplar pela estranheza do typo, pela rudeza dos modos, pelo bizarro do todo.

Não obstante, porém, Gomes se foi aos poucos insinuando na estima e conceito dos estudantes do curso, pela nitidez do character, fulgurações geniaes e labor intensissimo.

A' longa distancia do seu alentado objectivo — o titulo de *maestro-compositore* — obtido após solenne acto perante o Conservatorio de Milão, as relações do campineiro-alumno se estenderam aos libretistas de profissão, dentre os quaes o poeta Antonio Scalvini, revisteiro provector da musical Italia.

Caminhando á claridade precursora de sua grande estrella, pôde-se afoutamente adeantar que daquelle instante se desprendera o fio de ouro da sina de Carlos Gomes, que, em tablado de segunda ordem, em operetas populares milanezas, alçou fama, desencadeiou sonancias, que passaram do proscenio a auditorios em tro-

pel, e destes ao *anonymato do publico*, como cadencias nativas da alma nacional.

Propicia occasião fôra essa ao nosso *maestro* de sua primeira viagem á Italia. Isso porque o genero facil de operetas, *revistas de anno*, achava-se em voga n'aquellas terras, e elle, em começo dos seus optimos e definitivos estudos.

Galardoado pelo Conservatorio com o diploma de *maestro-compositore*, as suas tendencias musicas alaram ruidosas em 1866, quando Scavini, concluindo o libreto da *Se sa minga*, confiou ao distincto Carlos Gomes a partitura com que devera leval-a á scena.

D'ahi em deante, o seu trabalho activou-se, as vigalias povoaram-se-lhe de preoccupações de exito, o seu convivio com os demais artistas ficou interrompido; resultando de tal anormalidade no seu modo de vida uma opera elaborada em oito dias, e em alguns mais executada no theatro Fossati, com tamanho favor do publico que, em varios salões, nos cafés cantantes, nas orchestras ambulantes, trechos dessa composição se ouviam a miudo, tendo para reproduzil-os os menestreis e os realejos dos arrabaldes de Milão e dos confins da Italia.

Assim vulgarisado esse nome que nos honra, esmerilhada pela critica a opera do discipulo de Lucca, excerptos houve julgados de remontado apreço na deliciosa *Se sa minga*, bem como o

côro dos bilhetes de banco e a marcha *custozza*, descendente legitima do gracioso genero em que dominava incomparavel Berlioz, notabilidade do tempo e da França.

E não declinou aos applausos dessa opereta o entusiasmo do novel artista para feitura congeneres. Uma outra revista, *Nella Luna*, irmanou-lhe o successo no theatro Carcani, destacando-se do acervo de inspirações melodicadas o côro dos *bambini lattanti* (meninos chorões), *La Moda e la Boletta*, canções bellissimas de original colorido, tendo para egualal-as nas tonalidades e effeitos a mazurka e a valsa final desta segunda revista, cujos trechos eram sabidos de côr e entoados nas ruas e praças por gente do povo.

Emquanto o estreiante *maestro* se deliciava a sós com a sua celebridade transitoria, nas profundezas do seu elevado espirito bem diversos céos se arqueavam a resoar-lhe immorredouras harmonias, outros pontos de vista se isolavam á magestade de seu genio.

E fitando estes, e mirando aquelles, habitando longas horas o paiz dos sonhos e dos emprehendimentos largos, concedeu-lhe o acaso um pouso estavel á romagem do talento, deparando-lhe em velho alfarrabista de esquecido bairro o romance *Guarany*, de J. de Alencar, nacionalisado italiano pela versão de desconhecido escriptor.

Seria o destino, seria a providencia, que o conduzira á recondita ruella, onde levantára da poeira o brilhante ainda não facetado a constellar-lhe em breve o bronzeo diadema de suas glorias?

E os seus olhares pousaram, de fogo, sobre paginas trescalantes de ignota poesia; e sua alma voltou-se ás solidões nataes, onde as florestas são cheias de sombras e de lianas, onde as tribus com os seus pagés deixaram trophéos e mythos, ao estouro do obuz, ao passo de loba das levas aventureiras.

Desde esse empolgamento subito dos sentidos estheticos, o espirito das nossas selvas, as lendas dos nossos incolas, os costumes e tradições dos conquistadores e conquistados tomaram vulto á sua imaginativa, figurados nos tons barbaros e christãos do *Guarany*, da opera em que amanece o futuro, ou antes, esplendorosa realidade para a arte musical brasileira.

Saturado da enlevadora leitura, o paulista musico incumbe de prompto a Scalvini da parte metrica da opera-baile, acontecendo que, sobrevindo desavenças entre ambos, ultimou-a o libretista Carlo d'Ormerville, de conhecido nome.

Alterando, é certo, o character do poema de J. de Alencar em consequencia de effeitos scenicos, o *maestro* Gomes accedeu ás modificações

introduzidas, desde que alinhou os primeiros compassos de sua opera, que deixou por metade feita em Milão, concluindo-a ás margens do lago Maggiore, em pittoresca vivenda, frequentada pelo tenor Villani e a celebre Maria Sass, emula da Nilson e da Patti, como voz e como actriz.

Posteriormente contractados esses dois artistas para o theatro Scala, ainda uma vez mostrou-se propicia ao inspirado partiturista a estrellia d'alva de sua desannuviada sina, visto como o *Il Guarany* batia ás portas do maior theatro do mundo, e para o papel de Pery, o chefe de tribu, e o de Cecilia, inutil fôra procurar na Europa mais adequados interpretes.

Na noite de 19 de março de 1870 subia á scena a *Opera-ballo in quattro atti, Il Guarany*, abalando uma população enorme, curiosa do successo de uma producção estrangeira, de uma partitura reverberando alheios climas, e na qual quatrocentos figurantes tomavam parte, cantando, tangendo instrumentos barbaros, evoluindo, adornados de pennas, trajando vestidos polychromos, no denso das florestas, no soturno das grutas, á borda dos despenhadeiros, dando vida ás idealisações da arte, ressonancias ás bravias vastidões brasileiras.

Sete vezes chamado á scena o auctor do orchestrado poema, em uma dellas era esplendido de

vêr-se o trigueiro e arripiado *maestro* pelo braço alvo da « prima-donna » Sass, retrahir-se espartado às ovações, procurar libertar-se do palco, aturdido de *bravos*, soluçando ao temporal desfeito dos applausos.

Na partitura de Carlos Gomes discriminou a competente critica de Milão o que de mais valioso lhe pareceu. Com raras divergencias entre os sabedores de musica, enalteceu-se o *preludio*, a « polacca » *Gentil di cuore*, da soprano Sass, e o *trillo*, que fizeram rebentar em palmas o theatro em peso, cabendo o melhor dos triumphos á cantora eminente, á ideal Cecilia, filha do velho Mariz, fidalgo portuguez.

E nem só nesses trechos, mas na *ballata* da encantadora amante de Pery remontou-se excepcional a *diva* da noite. No segundo *duetto d'Amore*, com superioridade instrumentado, e na *Ave Maria*, na excelsa Ave Maria do consagrado Gomes, nenhuma outra artista até ao presente ousou assemelhar-se-lhe, no que de religioso e contricto, de melancolico e vago exhalavam seus labios na sublime prece da tarde, no duplo mysticismo dessa linguagem que só os poetas, os musicos e os anjos falam :

Poi se avverrà che il turbine
Un lieto di rischiari,
Verrem prostrati a sciogliere
Il voto sugli altari;

Perché tu fosti pia
E forte...

Ave Maria!

Admiravel de originalidade e de instrumentação o côro dos *Aymorés*, o espectador percebe, como que sente a intervallos o *passo das flechas*, essa inspirada concepção de musica imitativa, ao fragoroso resoar dos maracás e da inubia, marcando dansas em diagonal, acalorando os guerreiros indios que torvelinham, de labio rompente e semblantes tatuados.

As scenas que antecedem á catastrophe do castello são verdadeiramente épicas, lembrando os grandiosos traços musicaes, os inapagaveis sulcos da *Aida* de Verdi e do *Othello* de Rossini, guardadas as proporções, respeitadas as distancias.

Sobrevivendo á sua carreira de apotheoses, o *Guarany* de Carlos Gomes nos apparecerá sempre glorificado nas sumptuosidades do Scala, como essas cidades formadas por miragens luminosas, deante das quaes o viajor pára e sonha accordado, no infinito dos areiaes, na calmaria dos desertos.

III

O extraordinario successo do *Guarany* não podia ter ficado naquelle largo scenario, onde os bastidores mordiam o alto das bambolinas e o sub-tecto escuro e vasio de uma caixa de theatro.

E o applauso de sonoras noites, as palmas daquellas multidões, que lhe echoavam ainda como sistros de ouro no coração de artista, de mistér se tornava trazel-os a outros auditorios, em cujos seios vibrasse a alma brasileira, ávida de emoções ardentes, jactanciosa do renome dos seus.

Uma tarde houve em que o vão de uma porta deixava a descoberto um corredor de palacio, uma especie de avarandado, a principio transitado por familiares, e depois completamente ermo.

Minutos mais adeante, uma cabeça de soberano dominava entre enervados braços, que contornavam-lhe a nuca, de um rapaz atroado

e moreno, cuja fronte sumptuosa resplandecia de brilhos recentes.

Nesse momento, duas realezas se topavam, duas sublinidades de sentimentos se entrechocavam : — a do Imperador D. Pedro II acolhendo o peregrino e amigo de volta da jornada, e a de Carlos Gomes, que partilhava com seu protector o muito que de enthusiasmo resguardava de plagas forasteiras, ao mesmo tempo que prendia a vida no beijo quente da dextra, com reconhecimento filial, daquelle que, deslocando obstaculos pecuniarios levantados pela empreza do theatro Scala, lhe rasgára as cortinas do mundo ás fanfarras que precedem os triumphadores em marcha.

A noticia da chegada do maestro estrondou como clangores de concerto, nesta capital e em S. Paulo, e as duas populações pleitearam entre si as grandezas da recepção, os apparatus memorativos do estreiante em palco de Milão, do propheta eleito em nossas terras para resuscitar ao poderio de sons musicaes, heróes, cidades, tribus, florestas, gerações mortas, ao traço aéreo de sua batuta, ás creações maravilhosas de sua inventiva genial.

A começar pela imprensa, organização de commissões, etc., pomposos festejos aqui se projectaram, notadamente pelos *dilettanti* da *Philharmonica* e do *Club Mozart*, em distincta

homenagem ao joven compositor do *Guarany*. E em Campinas, assignalada por seu berço, sob um tecto de verdejante arcaria seguiu imponente o valoroso maestro, succedendo-se festas e bailes, que remataram pela offerta de uma corôa cravejada de brilhantes ao caipira illustre que traçára á sua provincia um triangulo de luz para o portico do seu Pantheon, em planos embora indecisos de suas passadas e quasi extinctas glorias.

A 2 de dezembro de 1870, data anniversaria do Imperador, foi levado á scena em estação de Opera Italiana, no Theatro Lyrico Fluminense, o *Guarany*, pela empreza Guimarães, que aqui chegára, proveniente do Rio da Prata.

Os aprestos para a realisação desse magno commettimento, que permanecerá na historia da musica nacional como um facto singular, ostentaram-se na altura das expansões publicas, do sentir exuberante de uma *élite*, que ia levar ao proclamado d'arte tudo quanto a espontaneidade das admirações póde tributar áquelle que, partindo do seu paiz, apenas — brilhante, a elle tornára — vultuosa estrella !

Embandeiramento exterior, festonado o theatro, vastissimo recinto a marulhar de povo, e SS. MM. Imperiaes em seu camarote de gala, constituiam o phantasioso nucleo daquella inequalavel noite, ás rajadas de myriadas de luzes,

rescendendo de tufões de flôres, sonoro da lyra dos poetas, em romaria ao templo onde a Harmonia celebrava a missa nova do *Guarany* em climas americanos, na antiga côrte do Brasil imperial.

Distribuidos os papeis, as principaes partes de canto a Giovannini Ordinas, Giulia Gase, Luiz Lelmi e Orlandini, a escolhida *troupe* do Lyrico impunha-se por suas vozes, de vespera applaudida nos *Huguenottes*, n'*Africana* e em outras operas de superior alento; não cabendo, portanto, temores quanto á identificação artistica com os protogonistas e mais figuras da epopéa de Gomes.

Conhecido em todo o paiz o romance de J. de Alencar, por esse lado a derrama do assumpto se havia de ha muitô verificado; sendo que a phantasia arrebatada de milhares de leitores com razão procuraria na partitura do campineiro-auctor originalidades de meio e accessorios á acção, vislo como em palco de opera se lhe afigurára encontrar, na combinação de notas, nas perspectivas dos bastidores, no selvagem dos typos, no character dos conquistadores em scena, a natureza e a vida das nossas florestas, tal qual as haviam descripto os velhos chronistas e o romancista da *Iracema*, sem os anachronismos e as inveroselhanças de producções congeneres.

E foi precisamente o que observaram os espectadores, e foi sem discrepância o que conseguiu Carlos Gomes, introduzindo em sua esplendorosa opera instrumentos barbaros das tribus tupy-guarany, casando-lhes o rude fragor com melodias de orchestra ; dando-nos um Pery, um chefe de tribu, com os impetos e desvanecimentos do homem indiano, em contraposição com Cecilia, a rôla mansa do solar agreste de Antonio de Mariz, o portuguez de espirito religioso e com todos os preconceitos da fidalguia de sua raça.

Assim imaginado pela inundaçào impaciente de auditores o scenario colonial e bravio, com seus personagens característicos, seus aventureiros de varias nações, e seus bailadores emplumados da tribu dos Aymorés, a téla de uma época, o conjuncto de uma acção que se passára em 1560 ia desvendar-se com o colorido das auroras coelancas, com a *mise-en-scène* do *libretto*, tal qual se havia opulentado no *La Scala* de Milão.

E o compositor-maestro lá se achava para receber asperrimo o embate das emoções, quando, á estridencia do Hymno Nacional, executado por ampla orchestra, os assistentes, de pé e descobertos, attentos á tribuna imperial, promperam em commemorativos *vivas* ao 2 de dezembro, ao Imperador, a Carlos Gomes, o pro-

monitorio dos ideaes da noite, o ponto quasi isolado e culminante da nossa opera até aos presentes dias.

O *Guarany*, como musica, filia-se á escola de Verdi, Rossini e Meyerbeer, protesto reaccionario contra as usanças das mais antigas escolas.

Os conhecedores das leis da harmonia são concordes em toda linha a julgarem essa epopea musical encantadora, apaixonada, imitativa, delirante e por vezes commovente.

Sem possuir as tonalidades sentimentaes da *Norma* de Bellini, as delicadezas de Verdi n'ella se deparam, ao acaso e oportunas.

Existindo certo ponto de contacto entre a instrumentação das operas de Meyerbeer e a do maestro brasileiro, não é menos certo que em Carlos Gomes ha verdadeira originalidade no que se refere aos cantos dos nossos selvicolas, ás inflexões, ás melodias em geral, com o colorido forte das nossas florestas magnificas, da nossa natureza em sua grandiosidade primitiva.

A começar pelo *preludio*, trecho de architectura vigorosa, concepção reconhecidamente caracteristica, e que rege as duas phases da partitura, a sciencia do contraponto entrelaça-se á opera inteira, bem como a da harmonia, de que é exuberante o trabalho de Gomes.

O côro dos caçadores, do primeiro acto, cujo

canto e instrumentação foram salientados pela critica como bellezas do genero, é devéras notavel, precedido de uma *cavatina* deliciosa, digna talvez de Verdi ou de outro qualquer mestre.

E tanto assim que a cantora Patti a repetia com agrado ao tenor Vellani, seu laureado collega do theatro Scala.

Distanciando de nós a menor competencia em tão especial assumpto, nem por isso o nosso entusiasmo com referencia a esse monumento d'arte declina; e destacar d'aqui, e d'alli, o que mais exaltou a apreciação publica, admirando a obra-prima de uma gloria nacional, é um dever para com o creador da *Fosca*, que marcou naquella noite com o seu *Guarany* o mais alto acontecimento do nosso mundo artistico.

Depois da *cavatina* a que alludimos, a *Ave Maria* intercala-se na opera como um producto classico, como uma dessas inspirações que enlevam e arrebatam.

Dir-se-ia um echo recolhido do ambiente religioso dos *Huguenottes*, tão mysticamente bellos são aquelles accordes que se ouvem a uma phrase atirada por Antonio de Mariz á solidao entristecida, phrase acompanhada a fagote e violoncello, á resposta do côro dos colonos, murmurando genuflexos — *Ave, Maria!*

E as vozes de Cecilia e de D. Alvaro escutam-se em fulgido dialogo, e as mulheres em tropa.

e os colonos e os indios aldeados finalizam a oração da tarde, exhalando constrictos — *Ave Maria!*

Recommendaveis pelos effeitos harmonicos, resaltam, provadamente, o *duo* de Pery e Cecilia, e o *duetto* do chefe aymoré com o aventureiro hespañhol d. Gonzales, um dos papeis mais graciosos e leves da opera.

Respigando primorosos trechos, acóde de prompto á memoria a *ballata* de Cecilia, um idyllio suave e vaporoso, um poema lyrico alentado de inspiração e palpitante de originalidade:

C'era uma volta un principe
Mesto, pensoso e bello,
Che era d'ognuno il palpito,
La gloria nel castello...
Ma non voleva amar.

Esplendido o côro dos Aymorés, ao bater de clavas parelhando estridencias harmonicas, não menos expressivo é o *duetto* do cacique com o indio Pery, irrompendo com selvagem rumor as inubias, os tacapes e armas de combate, vibrados pelos guerreiros da indomavel tribu.

O *baile indiano*, no correr da opera, é uma das notas mais originaes da musica de qualquer povo. Descobriu-se-lhe semelhanças com alguma coisa da *Africana*, o que capitulamos méra coincidencia de motivos, de inspiração.

Sucedendo-se no evoluir das peripecias o baptismo de Pery, a lucta de Cecilia e Pery contra Antonio de Mariz é assignalada por um *quarteto* de trompas, que constitue o desenlace resplandecente da opera.

Descrever explosões jubilosas, enthusiasmos sem repreza, felicitações imperiaes, o vae-vem da onda de espectadores deante do maestro eximio, seria encher laudas de flôres de um dia, procurar reviver na agua do tempo caracteres offuscados pelo genio, que sobranceiro revôa na immortalidade da divina arte.

Uma semana depois, a commissão glorificadora, precedida de Chaves Faria e João de Almeida, comparecia no Theatro Lyrico Fluminense, festivamente adereçado, em récita do auctor, em beneficio de Carlos Gomes.

E duas corôas de ouro e uma de prata, symbolica batuta cravejada de brilhantes foram offertadas em scena aberta ao victorioso campineiro, que illustrára sua provincia, que suspendera incommensuravel no paiz da musica e das bellas artes o resplandor da patria brasileira.

A sua missão, entretanto, não estava cumprida.

Carlos Gomes voltou a Milão.

IV

Perto, bem perto de Lecco, estende-se a terra de Maggianico, banhada pelo Adda.

Durante certo periodo, essa pittoresca localidade prendia, com excepcional interesse, a attenção dos que amavam a musica e o theatro melodramatico, devido a um facto singular, a uma coincidencia historica que vem a proposito lembrar.

Na vida do eminente compositor do *Guarany* aquelle afastado sitio se destacará com visos de legenda, porquanto vemos-o figurar nos momentos mais activos da mentalidade de Gomes, como remansado pouso ás suas concepções de artista, á feitura de suas operas, no clima propicio á evolução completa de seu genio.

Durante certo periodo, repetimos, tres propriedades principescas reflectiam suas sombras obliquas em aguas tranquillias, nellas residindo tres notabilidades d'arte, duas na musica e uma

na poesia : — Carlos Gomes, Ponchielli e Chislanzoni, librettista dos dois maestros, que a seus opulentos lares attrahiam jovens compositores em busca de conselhos musicaes, e encommendas de librettos, no que era fertilissimo o lyrista de juxta-lago.

Deixando de parte a descripção do palacete do auctor da *Gioconda*, para nos occuparmos da propriedade do partiturista do *Guarany*, sabe-se de boa origem que era esta superior de muito em vastidão e sumptuosidades architectonicas á de seu confrade e amigo, salientando-se, além do mais, pela sala principal e nobre, em que a estatua de Pery e a de Cecilia destacavam-se colossaes, balançando ao centro leve rêde de pennas em que o semi-selvagem Carlos Gomes espichava-se em horas de lazer, passeando seu devanear de artista no além de bravias florestas e em dominios cultos, surprehendendo harmonias, devassando heroismos para fazel-os palpitar debaixo da fórma, no intangivel das epopéas scenicas, em corporisações de notas nos torvelinhos d'arte.

De tal convivio, dessa intimidade entre os dois escriptores de operas, foi evidente a influencia exercida pelo autor do *Guarany* no espirito do compositor da *Gioconda*, cujo colorido veneziano de sua partitura de muito se resente da alta inspiração da *Fosca*.

Em Maggiano o maestro brasileiro deixava deslizar-se-lhe a existencia em mares verdadeiramente calmos.

Escassas vezes abandonando o seu retiro cercado de muralhas, era com Ponchielli, com o espirituoso Ponchielli, que se expandia o nosso musico, cognominado de *D. Rodrigo* por seu collega, em pequenas digressões ou largos passeios, cantarolando inseparaveis, ao ar livre, canções humoristicas e pornographicas, de collaboração com o astuto maestro Domini-cetti, de ha muito fallecido, como o poeta Zanardini, e outros que deram celebridade ao logarejo milanez.

Naquelle remanso, entretanto, o maestro de Campinas escreveu a pluralidade de suas operas, que se pôdem bem dividir em dois grupos, quanto aos assumptos, filiadas, no conjuncto, á escola verdiana.

Assim, deu-nos elle composições em geral historicas de paizes estrangeiros, distinguindo-se com motivos nacionaes apenas o *Guarany*, de que já nos occupámos, e *Lo Schiavo*, cujo libretto é um tecido de inepcias ethnographicas, a ignorancia mais completa das ceremonias, accões e costumes dos nossos selvagens, descriptos pelos velhos chronistas, a começar por Jean de Leri.

Favoraveis ao successo theatral, os esplendo-

rosos scenarios e os typos do libretto de Antonio Ghislanzoni, a *Fosca* de Gomes conseguiu applausos no Scala, quando, a 13 de fevereiro de 1873, foi levada ao palco, precedida do rumor ainda expirante da opera-baile o *Guarany*.

Na realidade, magnificos os panoramas da costa da Istria e Veneza, aquelle com desembarque proximo, atrio, rochedos, casas rusticas, etc., ao erguer do panno emerge lenta a vasta perspectiva, onde as figuras do côro, os piratas da Istria, em movimentada celeuma, occultam nas fendas dos pedregaes as prezas da rapina, em meio de saudações, de brindes, ao corsario Gajolo, irmão de Fosca, a heroína de todo o melodrama.

Le botti del vino
Rimangan pur là...
Fu lauto il bottino,
Per tutti ve n'ha.

Ao evoluir do enredo, que é simples, como o imaginára Luiz Capranica em *La Festa delle Marie*, côros, arias, sólos, trechos musicaes se notam de grande valor instrumental e de inspiração, no numero dos quaes o *duetto* do 3.º acto dos dois « sopranos », Delia e Fosca :

Orfana e sola nel materno tetto,
Per me nel pianto trascorreano i di...

Confirmando o ardor da phantasia de Carlos Gomes, a epopéa *Salvator Rosa* ampliou-lhe os credits de compositor notavel, desde a primeira vez representada no theatro Carlo Felice, em Genova, suppomos que em 1874.

Desse recommendavel trabalho, um dos mais alentados de genio do nosso valoroso compatriota, excerpts musicaes se destacam sempre com fervor recebidos pelo auditorio italiano, por discipulos e mestres que tanto encareciam a solitaria irradiação de um talento musical brasileiro naquelles horizontes divinamente sonoros d'arte.

No *Salvator Rosa* a aria do baixo, do 2º acto, a *romanza* de Isabella do 3º acto, e a *canzonetta* de Gennariello do 1º acto :

Mia piccirella deh ! vieni allo mare,

remontaram na estimativa publica, tornando-se este ultimo trecho, — a *cara Venexia* e alguns mais, sabidos em toda a Italia por *dilettanti* de gosto, por artistas de escolha.

Egual sorte não coube á *Maria Tudor*, poema de Emilio Praga, que apenas uma vez logrou de annuncio em cartaz á porta do theatro Scala.

Sobre o insuccesso formal dessa opera levantou-se, ao que parece, o *Condor*, partitura cheia de impressões vivas, e sustentadora da imaginativa tropical da alma de Gomes.

Simultaneamente representadas na Italia e no Brasil, as mais trabalhadas producções do apreciado maestro tiveram, em geral, recepção entusiastica.

Adstricto ás fórmulas lyricas do tempo, um instante houve que as abandonou para entregar-se aos processos da nova escola, justificando-nos a asserção um ou outro motivo da acção idyllica em 3 actos, de Mario Conti, o referido *Condor*, cujo assumpto gira inteiro em volta do temeroso cabo de guerra e de formosa sultana, a rainha de Samaúcanda, a quem o bandido profana os aposentos, offendendo des'arte o povo e a lei.

Nesse pequeno poema, notaveis são alguns duettos e sólos, vocalisados por Odalléa e o Condor, acompanhados de instrumentação melodiosa e encantadora.

Como *pendant* do *Guarany*, encontramos no repertorio do compositor eminente, o *Schiavo*, drama lyrico em 4 actos, e representado nesta capital a 27 de setembro de 1889.

Não obstante o falsissimo *libretto*, prende-se esta obra á phase de vida do auctor em que o homem se póde dizer completo. Nutrindo-lhe o excepcional talento vasta sciencia musical, esta bella opera marca o apogéo de suas qualidades artisticas; distinguindo-se no conjuncto ideal-

sações e fórmulas musicas recentes, devéras duradouras.

A modo de chronista e para demonstrar a quinta essencia do apreço em que era tido o maior nome da nossa musica contemporanea, é lealdade confessar que á familia Imperial, e muito particularmente á princeza D. Isabel, deveu o engrandecido maestro assistir á exhibição de sua esplendida opera no Imperial Theatro de D. Pedro II, em setembro de 89.

Nessa partitura em que o paulistano maestro deslumbra de inspiração e de colorido, a critica insuspeita do Brasil rendeu-lhe os mais justificados louvores em episodios e trechos de varios actos, salientando exuberante a *romanza* de Americo, o tenor, no 2º acto, *Quando nascesti tu*; a aria do soprano Ilára, no 3º acto, *Oh! ciel di Parahyba*; a aria de Iberé, barytono, no 4º acto, *Sogni d'amore*; estrondando a sala de palmas, de bravos, de aclamações a Carlos Gomes, no *Preludio* á scena IV do 4º acto, o amanhecer da bahia do Rio de Janeiro, saudado pelo canto dos passaros, pelo alvoroço dos indios tamoyos, á perspectiva maravilhosa da serra dos Orgãos e da dentadura da cordilheira, com o cabeça nos nevoeiros do céu e os flancos alastrados de luz.

Na Italia, e por ultimo, o emerito compositor empenhava-se em passar para notas musicas o

Cantico dei cantici, devido á penna magistral e scintillante do librettista Cavalotti.

O que era essa opera, que ficou inedita, seria vã pergunta aos raros intimos que restam.

A critica de Milão, apenas, mencionando-a em revista especial, conta-nos ser a partitura descendente em linha recta do *Falstaff* e do *Othello*, sem todavia fundamentar opinião.

Despedindo-se a companhia que levára á scena o *Schiavo*, não mais Carlos Gomes assistiu á exhibição de opera sua em tablado brasileiro.

Possuindo a musica d'alma, em breve demandou plagas italianas, o berço glorificador dos seus mais assignalados triumphos.

No mesmo anno de 1889, uma hora houve em que elle, deixando o seu palacete ás margens do Lecco, dirigiu-se, peregrino do reconhecimento, a Cannes, onde beijára a mão de seu protector desthronado, do Imperador D. Pedro II, para quem o supplicio do banimento fôra o ultimo laurel.

Depois, sentindo como que crescer-lhe, em torno, noite sepulcral, apercebendo no poente o sol dos seus dias, tomou rumo do Brasil, buscou terras da patria para penar e morrer.

Mas não morre de todo aquelle que, como Carlos Gomes, levantou o seu proprio monumento no lastro harmonioso de tantas epopéas.

VII

DOMINGOS FERREIRA

I

Domingos José Ferreira, nascido nesta capital em 1837, entrou na vida pela porta larga da musica.

Filho do clarinetista Ignacio José Ferreira, de berço obscuro e pobre, já por hereditariedade, já pelas condições do meio, teve de seguir a profissão do seu progenitor, para o que, cursando escola primaria e mais tarde o Seminario de S. José, inscreveu-se na aula de solfejo e rudimentos de musica do habil professor José de Arimathéa.

Com a frequencia de alguns mezes desse elementar preparo, o aproveitado alumno havia assimilado as lições do mestre, restando-lhe, porém, profundo vacuo á mais elevada ordem

de estudos, a disciplinas superiores, que escapavam ao estreito programma do preceptor desambicioso e occasional.

Nessas condições, nessa contingencia indecisa, o que cumpria ao principiante artista, ao rapaz talentoso e ousado, quando a aridez de instrucção apropriada cercava-o por toda parte, não a podendo vencer o poderio de sua vontade, sem o amparo de recursos?

Esperar, contemporisar, até que, organisando-se o Conservatorio de Musica em 1855, o joven Domingos Ferreira logrou matricular-se, desdobrando-se dahi a sua sina, ora aziaga, ora feliz de artista, em romagem de esperanza e fé, aos ideaes do bello, á enganadora phantasmagoria do porvir.

O excelso Francisco Manoel, primeiro director do Conservatorio, foi um luctador, um crente.

Empenhado nas reformas do ensino, conseguindo á força de tenacidade o que de muito lhe regateára o governo, a aula de harmonia e contraponto deparou-se-lhe de necessidade inadiavel e oportuna, não obstante omittil-a os mais influentes confeccionadores do novo programma decretado.

Dahi insistencias prolongadas, jornadas infructiferas, illusorias promessas, até que a presença do ministro Ferraz, em exame de alumnos, determinou-lhe a creação, tendo como

motivo **esplendida** aria com as letras da missa *Laudamus te*, composta pelo adeantado e intelligente Domingos Ferreira, executada aos applausos do referido estadista Ferraz, Marquez de Abrantes, Manoel de Araujo Porto Alegre, dr. Pertence e varias pessoas illustres.

Triumphante o saudoso e immortal auctor do *Hymno Nacional*, e nomeado para reger a cadeira o celebre maestro Giannini, Ferreira teve em breve a seu lado, como bons e leaes companheiros, Carlos Gomes, Henrique de Mesquita, Côrtes, Amaro Ferreira de Mello, etc.

Educador de relevo, sondador da alma juvenil em aspirações remontadas, o italiano cathedratico levantava a intelligencia e estimulos dos estudiosos ; e para tal fim, agrupando-os, incumbia os mais adeantados da composição e instrumentação de trechos, exhibidos em acto publico como prova de rematado esforço e relativa competencia.

E deste modo, confiando a quatorze dos seus discipulos quatorze partes de um grande *Te Deum*, cantando em pleno Conservatorio com assistencia do Imperador, a 31 de dezembro de 1856, a de numero nove, escripta pelo distincto fluminense, excedeu em perfeição ás outras, segundo o parecer do monarcha e da sua côrte, dos lentes e do auditorio emocionado.

Revolvendo datas que distantes ficaram, te-

mos, como *pendant* a esse caso, um outro de salientes analogias e de inesperada conclusão.

Nas proximidades do anniversario de S. M. a Imperatriz, designára Giannini a Domingos Ferreira para elaborar a *Cantata* em homenagem á virtuosa soberana.

Ensaaiados executantes e vozes, em numero de sessenta, a dar apurada e artistica interpretação á musica do moço compositor, a 14 de março, teve ella a sua primeira audição, em presença da familia Imperial, do Imperador que, fazendo comparecer na Quinta da Boa-Vista o novel auctor, lhe liberalisou phrases de animação, entregando-lhe, paternalmente, o premio da medalha de ouro.

Antes, porém, a proposito da mesma *Cantata*, executada ao piano, por ordem e para ser ouvida pelo director da Academia das Bellas-Artes, o poeta Manoel de Araujo Porto Alegre, este, encantado da melodia, ao expirar das ultimas notas, voltando-se para o inspirado conservatoriano Ferreira, accrescentou, com aquella emphase que lhe era pessoal :

— Muito bem, meu artista. Não digam depois que, em sua *Cantata*, andou o dedo de Giannini, como succedeu commigo, chegando-se a assegurar, quando publiquei os meus ensaiantes versos, não serem elles de minha desvalorosa lavra, porém feitos pelo Magalhães.

E' uma **anécdo**ta do tempo e uma recommen-
dação para o compositor.

E nem só ampliava Ferreira o seu saber
theorico com Francisco Manoel e Giannini; nos
dominios da pratica, frequentando disciplinas
que habilitavam executantes, com os profes-
sores Dyonisio Véga e Moura entregava-se de-
cidido a estudos de piano e flauta, no que attin-
gira distincta classificação.

De accordo com a época, as suas concepções
da primeira mocidade vasaram-se em moldes
sacros, e d'ahi, por exemplo, um *Te Deum* or-
chestrado para grandiosa festa na Capella Im-
perial, e as famosas trezenas de Santo Antonio,
que, exultando do contentamento ao ouvil-as,
lamentára o padre mestre Monte Alverne, abra-
çando uma vez o joven maestro, a sua irreme-
diavel cegueira, que não lhe permittia, entre os
sons de orgão e o perfume do incenso, aper-
ceber aquelle que, no reiro do claustro, viera
povoar-lhe a solidão de mysticas visões.

E' bem certo que falar de um auctor igno-
rado, vale dar á narrativa o interesse do ro-
mance. E tem-no incontestavelmente a existen-
cia desses individuos talhados acima do nivel,
esses adoradores incondicionaes da natureza e
da arte, através das desillusões e das audacias,
dos tremedaes ou do chão de flôres sobre os
quaes **caminham** resolutos, ora em busca de

fugidios pousos, ora enlevados na belleza de céos azues, de firmamentos constellados.

Avivando o apagado perfil de Domingos Ferreira, o accidentado de sua carreira artistica reclama perfunctorios dizeres, sem os quaes a sua physionomia ficaria ensombrada; dependendo do complexo das peripecias corollarios de sua vida artistica, desses que melhor confirmam individualidades, quer prosigam a clamores triumphantes, quer estacionem desalentadas na noite sem auroras de mentirosa sina.

E o grande musico Ferreira representa toda uma historia de luctas, todo um drama ignorado, em que o genio combate braço a braço com fados adversos, alastrando-lhe, entretanto, o longo sulco da jornada, partituras esplendidas, composições sacras e profanas, a refulgir-lhe no passado, como estilhaços de escudos despedaçados na peleja.

Muito particularmente, depois de haver deixado os bancos do Conservatorio, as necessidades immediatas o enfrentaram, sem humilha-o.

Resguardando thesouros de harmonias nos penetraes d'alma, o orgão das egrejas e o tanger mercenario da flauta compadeceram-se de seus fados, dissipando-lhe as privações.

Para isso, o compositor enaltecido transformou-se em organista e musico de orchestra, em menestrel de barracas de cavallinhos, em

tocador de piano ao martello dos leilões.

Reatando, porém, o assumpto interrompido, o fio que enlaça as producções desse desprotegido notavel, que trazia como fitas ganhas em torneios academicos tres medalhas de prata, a pequena e a grande medalha de ouro, que assignalavam labor e glorias dos annos lectivos, convém lembrar que os iniciaes trabalhos de Domingos Ferreira o apresentaram como vocação musical de feição religiosa; salientando-se, em vistoso plano, o *Te Deum* de S. Pedro de Alcantara, executado na Capella Imperial.

Esquivando-nos á analyse, o que nos seria quasi impossivel, não dispensamos entretanto recordar o valor artistico da concepção e instrumentação desse commettimento musical, em que se destacam trechos dignos de reparo, fragmentos de scintillações admiraveis.

A magestosa entrada, *alegre e forte*, seguida do solo *Tibi omnes*, cantado pelo tenor, bem harmonisado, não obstante a breve fórma; as melodias consecutivas, dialogando a voz com a orchestra, cujos instrumentos se procuram distinguir; mais adeante o acompanhamento com córos a quatro vozes, rico de trechos no estylo *fugato* e effeitos orchestraes, eleva-se por tal modo caprichoso e brilhante, que as modulações, as transições, as marchas de harmonia deleitam e extasiam, sem que qualquer dos

instrumentos embote os sons especiaes no obscuro, no despercebido.

O recitativo *Tu devicto mortis*, seguido do solo *Aperuiste credentibus*, em tempo *moderato* e clarões de orchestra completam a solemne architectura dessa magnifica producção, ora recolhida ao archivo da Cathedral, como custosa gemma da capacidade musical deste paiz.

Exuberante de alternativas, a existencia do distincto Ferreira balançava entre a realidade e o imprevisto, sem que desaffrontados horizontes se lhe abrissem a sonhadas perspectivas.

E elle continuava a exhibir-se como flautista de cavallinhos e de theatro, em bailes e feiras, até que a organização da Opera Nacional o agarrou pelo punho, apontou-lhe a estrella a perseguir, isto é, outras fórmias ás suas inspirações musicaes, bem diversos moldes ás suas creações de artista.

Apreciado por Thalberg, fazendo parte da orchestra do Theatro Lyrico, o nosso musico affeiçou-se á grande opera italiana nas caudaes melodicadas do *Barbeiro de Sevilha*, *Semiramis*, *Rainha do Chypre*, *Attila*, etc., e respirando em largo ambiente, accendeu-se-lhe a phantasia para emprehendimentos de maior vulto, servindo-lhe de guia anonymo dom José Amat que, prezando qualidades musicaes, lhe offertára o libretto a *Côrte de Monaco*, de Gon-

çalves Braga, para que o restituísse, como cavalleiro armado da arte, em obra duravel, em opulenta partitura.

Contractado para mestre de uma sociedade de musica em Maricá, Domingos Ferreira despede-se dos amigos, seguindo rumo da provincia.

E não é exacto que sob a palpebra semi-fechada da treva palpitam os astros com mais intenso fulgor?

E' certo; e vejamos.

II

A antiga provincia do Rio de Janeiro passava de evidente movimento.

Nas villas outr'ora prosperas, cidades, municipios e longinquos termos, as populações felizes expandiam-se em regosijos publicos, em commemorações kalendarias, dando vida a estradas, montanhas e valles, com suas turmas de cavalgatas trepidantes, ao grito do rapaz da guia á frente dos carros de bois, á celeuma dos escravos de fazendas em batuques nocturnos, — em festas intimas, em romarias annuaes, em demanda das matrizes e outras egrejas adornadas de côretos com bandas de musica, tabladados para dansas a character, etc., rememorando invocações, symbolos propicios á crença matuta, aos innocentes ideaes roceiros.

Dentre essas localidades, uma das mais procuradas e fartas era a garrida cidade de Maricá, consagrada em seu berço selvagem pela santa missão de Anchieta, e em cuja lagoa

rasgava-se-lhe a sombra esguia no tranquillo das aguas, e reflectiam do alto, na transparencia da enorme bacia, arvoredos que mordiam as nuvens, garranchos e braços de vegetação excelsa, quaes mastros de galeras baluçantes ás calmarias do oceano.

Foi acertadamente este o logar preferido por Domingos Ferreira para theatro de suas actividades artisticas, para condensar em phrases e notas musicaes o pensamento de suas largas concepções, as idealidades religiosas que se levantam aladas de suas missas e *Te Deuns*, dos hymnos sagrados e preces mysticas com que, durante o seu mais fecundo periodo, exalçou as festas da religião nas multiplas paragens da provincia, naquelles dias e naquellas noites que para sempre se foram.

Sua palavra, entretanto, se achava empenhada para com dom José Amat, o director da Opera Nacional, e o mestre da sociedade de musica da arruidosa cidade provinciana, o compositor de producções já celebres, Ferreira, finalmente, devia sahir-se da incumbencia na relatividade do conceito adquirido e sem a tardança que em taes casos implica negligencia ou vacillações de exito.

Conviva daquella natureza aspera e grandiosa, ao espectáculo vermelho da lagoa de Maricá ao sol poente, ás flores nitidas e co-

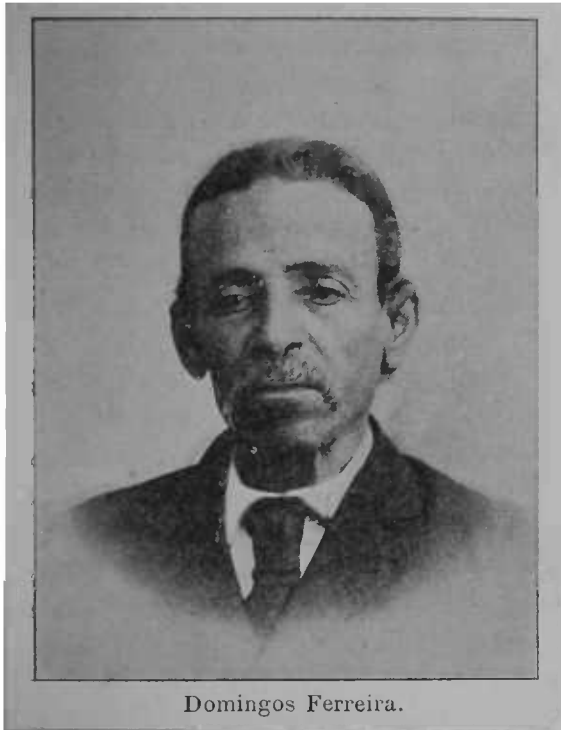
lossaes daquellas mattas semelhando voltadas amphoras de opala á brancura dos luares, aos fandangos lascivos e quentes dos cargueiros nos pousos, ou á soleira dos seus casebres de palha, esquecido por breves horas das vastidões incultas, do côro das egrejas, das sonoridades dos templos, Domingos Ferreira abalançou-se a estranhos surtos, volveu para o theatro olhares inspirados, e os dois actos da *Côrte de Monaco* se lhe delinearam á phantasia, nos arroubos da mocidade, das inspirações e das persistentes chimeras da gloria.

E o maestro entregava-se a um labor incessante, profundo, sem limites.

Em curtas semanas, por sobre a sua mesa de estudo, encimando-lhe o piano, alastrando-lhe os moveis da sala, paginas de musica esparsas, desavindas, em disparate... E a symphonia estava escripta, a partitura completa e instrumentada, deante do joven compositor que, esperançoso de si, no afogamento do genio, reúne fragmentos, coordena trechos, organisa o todo, remettendo a Francisco Manoel, director do Conservatorio, a *Côrte de Monaco*, sua primeira producção theatral, a falada opera de que a nossa critica apenas repete o titulo, desconhecendo o mais.

O libretto desta partitura é um ligeiro poema de assumpto haurido em romance do tempo,

sem o entrecho e as sumptuosidades das grandes operas, porém de espontanea e verdadeira **graciosidade** no facil enredo, de que não póde ultrapassar a opera-buffa.



Domingos Ferreira.

Correntio no verso, abundante de situações burlescas, os caracteres resaltam do lyrismo do poeta Gonçalves Braga, seu auctor, tambem estreiante em materia de librettos.

Em ensaios no Theatro Gymnasio pela com-

panhia de dom José Amat a opereta de Ferreira, a poucos assistira o maestro, visto como outros deveres o sitiavam na provincia.

Promptificada a *Côrte de Monaco*, a *première* acalorou ovações, conseguindo verdadeiro successo em mais de seis audições, com affluencia de um publico illustrado e entusiasta.

Dividida em dois actos, a galante opera-buffa tornou-se saliente, como inspiração do genero, em todo o correr das scenas musicaes, alentadas de *verve* e de certa originalidade, a começar do côro de introducção — *O palacio está deserto* — do primeiro acto, seguindo-se o bem escripto *duetto*, para dois baixos, correctissimo e interessante pela franqueza melodica e orchestração picante.

No evoluir dos motivos, recolhera merecidos applausos a aria do soprano — *Quando para a scena vou* — em *fá maior* e habilmente desenvolvida no *moderato*; excedendo-a, talvez, a *caballeta* de complicada vocalisação, em estylo italiano, cantada por Luiza Amat e depois por Marietta Siebs, cujos recursos artisticos amparavam-lhe o justo apreço.

A um *duetto* buffo com effeitos principaes no *allegro* final, pelo contraste de vozes — o barytono (Marquez), que se revolta em vivissimo canto, queixando-se da falta de respeito do director da companhia ambulante, a quem injuria

chamando de *hístrião*; e este, rindo a bom rir, ridicularisa seu interlocutor — o Marquez, a força expressiva do talento de Domingos Ferreira, aproveitando fórmulas de Donizetti e mesmo de Rossini, ostenta-se agradabilissima, terminando o acto pedaços de conveniente adaptação aos cantores da Opera Nacional, para os quaes foram escriptos.

Ao subir o panno no segundo acto, expansivo côro em tempo de valsa irrompe intercalado de pequenas pausas, satisfazendo o auditorio, que se entretém á movimentação dos fidalgos, de braço com as suas damas, na luxuosa côrte, em apparatuso baile.

Nesse vae-vem dos figurantes, um *tercetto* é cantado, em o qual se pretende adivinhar a que nacionalidade pertencia gentil dansarina; isso executado com momices de conversa, assegurando um ser a bailarina italiana, outro russa, outro allemã, pondo remate aos descertos do dialogo a propria dansarina, que modula um *allegro* de seu afortunado paiz da Andaluzia.

A' execução desse idyllio musical da *Côrte de Monaco*, disse certa vez o hespanhol dom José Amat ao nosso estreiante que, ao intelligente auctor do gracioso trecho, de facil trabalho seria a identificação com o sentimento e os rythmos das mais características *zarzuelas*.

Ainda alguns numeros, e o côro final de effeitos symphonicos e de exito brilhante, enfeitando de scintillações a bella partitura, em primeira, em segunda, em successivas audições no palco do Gymnasio, á revoada de palmas e bravos de toda gente.

Em uma dessas noites, facto singular, acontecimento notavel se verificou, quasi em scena aberta, nas proximidades dos bastidores : a presença de Carlos Gomes que, inesperado e brusco, abraçava o victorioso auctor, dirigindo-lhe satisfeito estas phrases, que são suas, que são textuaes :

— « Ferreira, a minha feição musical é para as grandes operas. Confesso-te que, si fosse escrever para provocar o riso, vêr-me-ia atrapalhado : não sei como os Paulos de Kock da musica se saém tão bem ! »

A' mingua de poetas que lhe quizessem fornecer *libretto*, Domingos Ferreira se aproveitou do *Colombo*, poema lyrico de Joaquim Norberto, cavando-lhe nas paginas musica de mais larga envergadura, ás reverberações melodicas do *Ernani*, do *Trovador*, etc.

Representando no theatro Lyrico a companhia italiana de que faziam parte as irmãs Albas, a nova producção do applaudido maestro foi dada a ensaios, não logrando elle assistir

em scena, por isso que desavenças de camarim dispersaram a *troupe*.

O *Colombo*, entretanto, era uma composição de certo folego, de habeis transições, talhada em dois actos, abrindo margem a audacias geniaes, a vãos de distincta evidencia.

Logo ao 1º acto, que se passa na Hespanha, o *tercetto* de introdução e o *duetto* final de Beatriz com Colombo são delicadezas de uma harmonia pura e correcta, ricos de gammas ascendentes e de sentimentos dramaticos.

Avolumando-se no 2º acto as scenas de transporte a bordo da caravella *Santa Maria* ao fragor da tempestade que estruge, as interjeições de desespero, a lucta da marinhagem contra os elementos, o estouro dos canhões, os effeitos geraes são por tal modo apprehendidos, que as tonicas de cada compasso se fazem ouvir, de permeio com o emprego de quatro pares de tympanos que a proposito reforçam os sons dos instrumentos de metal.

Em toda a apparatusa encenação, em todas as tonalidades de deliciosa frescura, até as formas rhythmicas de outro *duetto* de Colombo e Beatriz e do *tercetto* que começa — *E' a cruz do Senhor*, as bellezas musicaes se distinguem coloridas, adaptadas ás situações, preenchendo as exigencias do estylo e da arte.

Para termo desse drama de épicos traços e

de tons vehementes, o côro da tripulação de Colombo avistando o Cruzeiro inunda o salão de vibrações alviçareiras, fortes, estridentes.

Mas a Opera Nacional descambava agonizante, e Domingos Ferreira se votára exclusivo quasi á musica religiosa.

O rapido periodo de compositor de operas, entretanto, accentúa apenas um interregno em suas locubrações de profissional, visto como a arte dos sons applicada ao serviço da igreja constituiu-se-lhe o lastro fundamental do talento, a começar dos verdes annos do Conservatório.

Em Maricá, o artista reatou o fio de oiro de suas inspirações, accommodando musica a textos sagrados, e por dilatado tempo o maestro da *Côrte de Monaco* e do *Colombo* encheu de seu fulgurante nome os presbyterios e côro dos templos, dominando a provincia como culminancia na especialidade, como remontada vocação que se filiára á difficil escola do padre José Mauricio, o maior genio musical desta parte da America.

A' semelhança de fluctuantes despojos de fatal naufragio, do enorme acervo musical de Ferreira salvam-se preciosos trabalhos, alguns dos quaes opulentariam o repertorio de afamadas reputações do dia.

Do accumulo geral de hymnos, elegias, marchas, *tercettos*, cantatas, dobrados, valsas, ~~que-~~

drilhas, etc., apreciadas novenas, bem harmonizadas ladainhas e *Tantum ergo*, solennes *Te-Deums*, e tres grandes missas a vozes e orchestra executam-se ainda admiraveis nos actos religiosos do recente Estado do Rio de Janeiro, abundantes de expressão e de sentimentos christãos da musica lithurgica e da musica moderna.

Do complexo dessas gemmas de arte, duas perolas, como que descravadas do diadema dum santo, jociramos finissimas — são ellas duas *Ave-Marias*.

A primeira, em *sol maior*, é alguma coisa no genero da de igual nome, de Gounod, de Carlos Gomes e outros; a segunda, porém, escripta em *dó menor*, é tão simples, tão vaga, tão ideal, que, de escutal-a, um dos nossos espiritos mais cultos, o professor Alfredo Alexander, um erudito, um poeta, um artista, despertando como que de breve extase, accentuou, na calma do seu temperamento, na religiosidade improfanada de su'alma : « Isto não é da terra, é do céu! »

O professor tinha razão. Onde quer que se esteja, cantando-se a *Ave-Maria* em *dó menor*, de Ferreira, parecerá que os limites do mundo se rompem, e que descendo a escadaria de sombras e luz do crepusculo da tarde, o Anjo do Senhor, evocado por aquelles sons, pára a ouvir si foram taes melodias as inspiradas por elle ao musico-poeta.

Não obstante, o velho e honroso maestro, como o resuscitado de Mickiewicz, perlustru desalentado e pauperrimo o antigo theatro de suas lides, a Nictheroy republicana, como um phantasma de si mesmo, como quem já não vive nem para si nem para a gloria.

Tanto peor para a arte, tanto peor para a Patria.

SEGUNDA PARTE

Laurindo Rabello

(Estudo)

SEGUNDA PARTE

LAURINDO RABELLO

I

Em virtude da carta régia de 15 de abril de 1718, levas de ciganos hespanhóes e portugueses foram degradadas do reino para o Brasil (1), cabendo ao Rio de Janeiro successivos bandos, que se internaram nos sertões ou assentaram em abarracamentos no vasto campo da Lampadosa, no local desde logo denominado *Campo dos Ciganos*, e em 1808 *Rocio da Cidade*.

Com a affluencia da immigração bohemia a área occupada tornou-se insufficiente, e dahi a dispersão de muitos dos seus primitivos povoadores, que levantaram tenda para mais longe,

(1) Vide — Mello Moraes Filho, *Archivo do Districto Federal*, 4º anno, setembro, 1897.

a partir da rua que lhes tomou o nome, isto é, da rua dos *Ciganos*.

Sem nos demorarmos no assumpto, convem adiantar que até 1844 o Rocio, do lado do morro de Santo Antonio, desdobrava-se na perspectiva de pobres e pittorescas casinhas, todas habitadas exclusivamente por esses parias vagabundos que, associados ás tropilhas que acompanharam o rei e a côrte portugueza, tornaram mais populosa e caracteristica a singular localidade, onde a fragilidade das construcções, os typos de raça, estranheza de usos e costumes observados, imprimiam ao bizarro quadro relevos distinctos, tons especiaes.

Comprehendida no demarcado perimetro, em 1826, humilde habitação erguia-se com suas paredes alvas á rua do Espirito Santo, lar improfanado e hospitaleiro do miliciano e procurador de causas Ricardo José da Silva Rabello e sua patriarchal familia.

Nesse ninho de perdidas aves nas migrações do Oriente, nascêra a 3 de junho daquelle anno Laurindo José da Silva Rabello, luminoso rebento de acclimado tronco, o futuro poeta de genio que encantára gerações ás toadas de sua lyra admiravel, que era o conviva alegre dos sarãos ruidosos, o repentista caudal ao turbilhonar do éstro, o personagem amadissimo e desejado, a desencadeiar pilherias, a motejar na

satyra, a modular canções, por onde quer que o conduzissem os acasos do dia, o imprevisto das ocasiões.

Bem cedo, porém, com a transformação progressiva do meio, o velho Rabello e a sua prole trasladaram-se com os seus penates para afastados sitios, indo por ultimo residir em acanhadissima casa do morro do Castello.

Procurando quanto possivel, já pelas suas aspirações, já pela diversidade de convivencia, desquitar-se do originario nucleo, Laurindo Rabello, joven preparatoriano á cata de uma vocação, matriculou-se na Escola Central, illudindo-se a si proprio, suppondo-se capaz da carreira das armas.

Ao passo que a sua actividade e superior talento conquistavam-lhe distincções entre os seus collegas, e alentavam-lhe esperanças radiosas, a pobreza, ou antes a miseria, resvalava em seu lar, então deserto dos affagos paternos, onde sua mãe, uma desventurada viuva, e seus irmãos pequeninos invocavam ao desabrigo a misericordia de Deus e a caridade dos homens, nos longos dias da fome e nas noites sem alvorradas do infortunio.

Laurindo Rabello, estudante, jámais se descaudára da pobre velha e dos orphãosinhos, cujas maguas e desvalimento serenava com o conforto

de suas palavras, com as migalhas de seu trabalho.

A maneira dos esculptores que em largos traços esboçam o pensamento de suas estatuas, em resumidas phrases vamos delinear um quadro intimo, uma scena compungidora, apresentando sobre o tablado um catre com uma creança enferma, e tendo por interlocutores um homem do fôro e uma mulher bohemia.

Eil-o. Era na alludida casa do morro do Castello. Alguem, encaminhando-se para a rotula fechada, bate e se annuncia. De dentro, desgrenhada matrona responde e abre-a, franqueando ingresso a dedicado amigo de seu marido morto, que a busca e visita.

E os habituaes cumprimentos se trocam, apercebendo o procurador Ferreira Lima, assim se chamava o recémvindo, o irmão mais moço de Laurindo, estendido em um colchão miserrimo, gravemente enfermo.

— Como, pergunta elle, está doente o Roberto? Que medico o trata?

E a triste, deixando pender a cabeça, murmurou resignada :

— Si somos tão pobres! Como pagar o doutor?

— Tenho o dr. X..., que é meu constituinte : a meu pedido, elle virá vê-lo.

N'esse momento, a infeliz reconciliou-se com o destino, abençoou os seus fados.

Retirando-se o providencial visitante, horas depois comparece o medico, examina a creança cujo estado aggrava o prognostico, receita e compromette-se para a manhã seguinte.

Antecipando-se, porém, voltando o solicitador Lima, questiona a mãe do doentinho sobre o que lhe dissera o facultativo, e pede para vêr o medicamento prescripto.

E ella, a desventurada sem pão, confrange o semblante, enxuga furtiva lagrima, proseguindo :

— Perdão, meu bom senhor : falta-nos o dinheiro para o remedio. E depois, estando na receita especificadas as horas das dóses, como calcular o tempo, como seguir á risca o que ordena o doutor ?

Disfarçando uma acção que ennobrece, o compassivo personagem tira do bolso a carteira, separa uma cedula que colloca a um lado da mesa, e, adeantando-se até ao leito do enfermo, suspende-lhe á cabeceira o relógio que trazia, e que deveria guiar a torturada mãe na ministração do medicamento.

N'isso, o somnolento e intelligente irmãosinho de Laurindo sobressalta-se, róla sobre o ventre, firma-se nos cotovellos, verga a cerviz, e fitando o mostrador, diz tristonho e desconsolado, como quem já está de partida para o outro mundo :

— Parece uma ironia do destino, minha mãe,

que a sorte queira marcar com ponteirinhos de ouro os ultimos instantes de um desgraçado !

Aturdido com os revezes, em lucta franca com as necessidades immediatas, nem por isso Laurindo Rabello deixava-se vencer pela adversidade : errante sempre, cultivando o aconchego de raros amigos, na sua alma gemiam as elegias proprias de seu character ethnico, ao lado do epigramma, da facecia, da poesia livre, que lhe desfloravam os labios inspirados, segundo o acaso e as circumstancias.

A morte de sua irmã, que enlouquecêra ao anoitecer das illusões, o assassinato de um seu irmão, consecutivo ao fallecimento de sua mãe, enlaçaram-lhe de largo crepe a lyra dos verdes annos, cujas cordas estalaram-lhe nos dedos ás vibrações pungitivas da *Saudade branca*, do *Meu segredo*, da *Linguagem dos tristes*, do *Adeus ao mundo* e outras producções resguardadas no volume das *Trovas*, como em urnas de alabastro cinzas queridas.

Esse periodo de angustias, de verdadeira e legitima provança na curta existencia do poeta, echoando de cimeira em cimeira por sobre os altos monumentos de sua poesia escripta, não conseguiu toldar-lhe o éstro satyrico, os repentinos maravilhosos, o versejar de sentido equivoco, que tão popular o tornaram, através de sua existencia accidentada e breve.

Caminhador e amigueiro a mais não ser, as suas relações multiplicavam-se, as sympathias que lhe dispensavam eram innumeradas.

Na adolescencia, Laurindo tivera uns amores. Enthusiasta, impressionavel, sentimentalista, votára desde o primeiro instante áquella que lhe fascinára os sentidos o melhor das effusões d'alma, todos os transportes de seu coração de moço e de poeta.

E' que nas ondas d'aquelles cabellos louros se reflectiam os brilhos de sua estrella feliz, como á superficie mansa das lagôas os fogos brancos do luar.

O preconceito social, porém, que bania como mestiço o trovador trigueiro de bem diversa raça, oppoz-se-lhe ás venturas supremas; e o enlace da mulher adorada, por obediencia paterna, com outro, que não era elle, annuviou-lhe transitorio o entendimento, eclipsou-lhe fugace a razão.

Despertando d'essa especie de pesadelo em que o tufão das paixões o ameaçara de morte, o desencantado amante refugia-se no santuario, enverga o gabinardo de seminarista, traçando novo rumo ao seu incerto porvir.

Sobrevivente de tamanha crise, erradio por peccado ethnographico, em sua marcha aventureosa simulára outros affectos, alvoroçara ignoto sentir em ardentes seios.

Nessa quadra frequentava Laurindo Rabello uma casa da rua da Lapa, em frente da qual duas travessas raparigas correspondiam-lhe ao namoro. Alli reaparecendo depois de longa ausencia, as pessoas da familia o rodeam, applaudem, festejam, nisso que as moças de defronte o avistam pressurosas. Eis senão quando, ao voltar-se Laurindo, já minorista e de corôa aberta, as surprehendidas namoradas apontam-lhe para a cabeça, batem-lhe com a janella, retirando-se em gargalhadas.

E elle, o aprendiz de padre, formalisa-se a principio, carrega o sobr'olho, dizendo para os circumstantes curiosos :

— Ora, graças a Deus, que descobri uma cruz contra aquella especie de demonios.

Vacillante em qualquer terreno, sem orientação definiliva, bem depressa o nosso poeta abandonou o seminario e as ordens, matriculando-se na Escola de Medicina.

Sempre em contradicção victoriosa com os companheiros, epigrammatico fertil e opportuno, os lentes da faculdade o temiam, e os estudantes o admiravam.

Não sabemos porque, leve attricto se déra entre Laurindo e o dr. José Mauricio Nunes Garcia, conceituado professor de anatomia descriptiva.

De ponta os dois, o alumno poeta, em uma

das lições, escreve-lhe o seguinte epigramma, que deixa sobre a mesa :

Dizem que a Morte e Mauricio
Andaram na mesma escola :
A Morte mata sómente,
Mauricio mata e esfola.

Mais ou menos por egual data, havia no bêcco do Imperio uma *republica* de estudantes, um cenaculo litterario, de que faziam parte Castro Lopes, Azevedo Côrte Real, Felix Martins, Aureliano Lessa, Manoel Hilario Pires Ferrão, Ferreira Pinto e Laurindo Rabello.

Dias e noites passavam os esperançosos moços em discussões litterarias e philosophicas, em torneios poeticos, em narrativas galantes, tocando e cantando ao violão, compondo glosas de collaboração, dando mottes e recolhendo improvisos, aos atroantes applausos, á apreciativa *commum*.

A figura capital, porém, o repentista mais favorecido de éstro era Laurindo Rabello, em torno do qual giravam os demais talentos, á semelhança de brilhante zodiaco.

N'esse convivio de sonhadores, n'esse remanso de natural e espontanea poesia, o poeta das *Trovas* esquecia o elegiaco incomparavel do *Adeus ao mundo*, para desdobrar-se, cheio de graça e de belleza, no improviso malicioso, no

lyrismo pornographico, na pilheria, nos repentistas.

Cahira a noite, e uma vela accesa ao gargalo de uma garrafa allumiava com a sua luz vermelha e baça intelligentes semblantes.

Espichados em roto sofá, escanchados em cadeiras, guarneccendo a mesa de pinho, os rapazes do bécço do Imperio, completamente á frescata, forjavam lérias, contavam aneddotas, discutiam sciencia.

De subito, assomando mysterioso como um phantasma, entra Laurindo; e os rapazes soltam uma admirativa, levantando-se um delles que bate na testa :

— Um motte, Laurindo :

*Dois corações que se amam,
Sem falar se communicam.*

Lo que o repentista, sem reflectir, no arroubo do momento, torce o bigode e declama.

— Glosa :

A freira, que madre chamam,
E o frade, que é frei Carvalho,
Sustentam com seu trabalho
Dois corações que se amam.
E tão bem se verificam
Com manobras tão seguras,
Que trabalhando ás escuras
Sem falar se communicam.

Imagine-se a algazarra, as palmas, o successo.

II

Ao borborinhar amplo das ruas, nas salas festivas, nos domicilios intimos, nos quarteis, nas redacções e nos theatros, ao quadrado de luz desta ou daquella porta que se abria, uma fôrma se talhava imprevista, uma figura de homem cuja humanidade da vida parecia estranha, *sui generis*, singular.

Lobrigada apenas, ninguem havia que lhe ignorasse o nome, tal o prestigio de seu talento, o suggestivo de sua apparencia, de accordo com as referencias incontestadas : — Era Laurindo Rabello.

De alta estatura e magro, de semblante carregado e fronte vasta, trigueiro por herança ancestral, ameigando espesso bigode que se perdia em extensa *costelleta*, a sua physionomia mobilisava-se déstra, e em seus tregeitos e em seu olhar reflectiam-se-lhe as paixões que o incendiavam, todas as effusões d'alma.

E aquelle tronco agigantado e guenzo esco-

ravam pernas crescidas e ajuntadas, tendo por embasamento pés divergentes, que se levantavam rythmados ao caminhar, ao andar.

Em completo *pendant* com os braços tolhidos e os antebraços afastados e duros, a imaginação popular descobriu nesse todo, empavesado e bizarro, zoologica analogia, caracteristico simile, appellitando-o *Lagartixa*.

Vindo da penuria do berço, impersistente na Escola Militar, tonsurado sem sequencia de ordens, e estudante de adeantada matricula em o curso medico, Laurindo Rabello jámais deixára de travar contenda com adversarios potentes, aqui, alli, além, onde quer que o impellissem o seu humor desegual e a sua inspiração prompta ao mais leve roçar de sua vontade, que tudo podia, desde que se lhe antolhasse uma vindicta, para a qual o epigramma, a satyra, o verso livre se tornavam em suas mãos armas de facil e immediato manejo.

Si o seu livro de *Trovas* representava antes a voz de uma raça ou o echo de angustias aturadas a desflorar-lhe a lyra, menos certo não é que todos esses pezadumes dos dias funestos lá se foram no turbilhão das cousas passadas; deixando á margem de outros futuros o poeta andante, cuja biographia corre melhor na tradição oral do povo do que narrada por Joaquim Norberto e outros criticos de profissão que

lhe falseam a índole de poeta e o character, desfiguram-n'ó a fazel-o desconhecer, rebaixam-n'ó a ponto de transformal-o num ente deploravel, um humilde, que medrava á sombra de protecções, quando soberbamente a todas repelia.

A' excepção do grande mestre Sylvio Roméro, que o encara com mais verdade na sua monumental *Historia da Litteratura Brasileira*, o que se ha produzido com relação a Laurindo, a quem conhecemos, e de quem fomos discipulo, é em geral estultice ou mentira.

As notas mais vibrantes da personalidade do illustre fluminense, e os seus contemporaneos o affirmam, eram o incommensuravel orgulho, a desmedida altivez resultantes de suas acções, de seus actos.

Supersticioso, deleixado, erradio, não consta averiguadamente que accitasse um favor que o amesquinhasse, um auxilio de compassiva generosidade. Entretanto, se lhe tem emprestado papeis que o hom senso recusa, e que só os que o ignoram os pódem distribuir.

E seria um abatido, um soffredor, um triste, o moço poeta que levou quasi a vida inteira a rimar epigrammas, desferir satyras, encharfardar no rídiculo e na pornographia, lentes, sacerdotes, personagens politicos, chefes de corporações, ministros d'Estado, e, quando

cirurgião do exercito, o proprio ministro da guerra?

Fôra insensatez acreditar-o.

Para comprovar á saciedade o que ficou expellido quanto á violencia de seus ataques, é da memoria de um velho companheiro que passamos para publico o seguinte soneto, ao anniversario de um religioso, feito por Laurindo, então seminarista :

Para do mundo dar completo cabo,
Lá do negro recinto o soberano
Meditava a forjar horrivel plano
Coçando a grenha, sacudindo o rabo.

Merecedor, emfim, de immenso gabo,
Eis o que assim disse muito ufano :
Para a missão cumprir — digesto humano
Quero fazer — que nasça hoje um diabo.

E o 23 de maio n'isso raia...
Theotônio nasceu, e a fama sôa
Jámais ter visto infame dessa laia.

Pois para Satan ser mesmo em pessoa,
Traja, qual bruxa velha, negra saia,
Como o rei dos bandalhos, tem corôa.

No genero, que melhor amostra do estylo?

Na diversidade de seu genio e de sua estranha philosophia, a desconfiança, a sobrançeria e o desdem entraram-lhe por muito na formação do caracter; e d'ahi sem duvida represalias energicas, a mordacidade ironica e

turbulenta alentando-lhe os repententes, impulsionando-lhe o éstro, extravasando-se em metros abundantes e ferinos.

Desde a primeira mocidade o famoso bardo visitava frequente a musa do improviso, e as interjeições de pasmo não lhe escasseavam ao exito, com as trepidações de triumphador.

Foi seduzido por esta aptidão inestimavel que o conselheiro Salustiano Souto o convidou a terminar os estudos medicos na Faculdade da Bahia, ardente de vê-lo assim com tanto desassombro na poesia do momento disputar com Muniz Barreto, A. de Mendonça, Symphronio, Bolivar, Alvares dos Santos, João Freitas e mais victoriosos do Parnaso, nos palanques do 2 de Julho, nos salões, e nos theatros, os laureis que se fanam ás luzes de uma festa, que emmurhecem ás derradeiras palmas de enthusiasmo de uma *élite* ou de multidões anonymas.

E Laurindo, despedindo-se de sua terra natal, partiu com o illustre cathedratico bahiano, que lhe proporcionou, entre os seus, hospedagem carinhosa e antiga.

Daquella provincia, o joven poeta tornára ainda mais sonoros os ares já consagrados pelas musas nataes, associando-se de prompto a jubilos **privados**, aos regosijos **publicos**.

Laurindo estudante e Laurindo poeta completam-se por vezes; restando-nos disso valioso

documento *no Namorado sem dinheiro e no Estudante e a Lavadeira*; este, gracioso duetto ainda cantado e representado nos nossos theatros, ao rythmo do local poema musical de Effren, celebre compositor portuguez alli residente.

Ao Rio de Janeiro, entretanto, melhor cabe a ufania de lhe haver recolhido as mais bellas esmeraldas do talento, de ser-lhe o palco historico ás actividades incomparaveis do espirito, através de sina tecida com fios de estranhos matizes.

Desfigurado pelo tempo, desbotado pela idade, é incalculavel o que conserva a tradição oral relativamente ao trovador cigano, como homem e como individualidade poetica.

Improvisando ao acaso, contendendo na satyra e no epigramma, recordando Boccage e Muniz Barreto na obscenidade de avultadas producções, esse portentoso engenho encheu o periodo accidentado da existencia, cujo nebuloso portico é o volume das *Trovas*, que o define apenas por uma sensibilidade morbida, por essa desolação sem gemidos nem blasphemia e que, como uma grande dôr, se perde nos espaços sem as fraquezas terrenas.

De volta a esta capital, onde recebera o gráo de doutor em medicina, a sua phantasia deixou resvalante de evocar sombras para não despertar mortos da vespera. E o poeta das *Trovas*

incita a imaginação para as luctas da vida pratica, e o sonhador arroja-se aos repentes da satyra, a cujo tropel arregimentam-se perseguições e repulsas.

Apenas doutorado, assentando praça no corpo de saude do exercito, Laurindo é escalado para o hospital do Castello, breve tempoahi se demorando em razão de desavenças com o chefe do serviço, que obtivera com o respectivo ministro a designação do petulante medico para uma das ambulancias do exercito de observação na fronteira.

Durante a sua curta estada no sul, contam-se d'elle factos e anedotas que encheriam volumes.

Com phrases destacadas do prefacio de sua carreira de 2º cirurgião do exercito, corre que o nosso Esculapio marcial, antes de seguir naquella commissão, fôra despedir-se, como de



Laurindo Rabello.

costume e dever, do então ministro da guerra.

Mal amanhado com o uniforme, e finda a apresentação, desce o dr. Laurindo as escadas do quartel. Em pintura a secretaria, succedeu-lhe roçar o hombro em fresco vermelhão de uma das portadas.

Contrariado com o incidente, procurando com o lenço apagar a mancha da farda, a sentinella, que o vira naquelle vexame, disfarça risada de mófa, fazendo-lhe a continencia.

E elle, formalisando-se, torcendo carrancudo o bigode, atira-lhe o seguinte :

— Olhe, camarada : o que tenho no hombro, falta ao seu ministro na cara.

Em marcha no sul, com as forças do bravo Marques de Souza, por ultimo, conde de Porto Alegre, Laurindo Rabello, acampado em Bagé, recebe uma carta de seu commandante, o brigadeiro Nepomuceno, que não era certamente um letrado, que não tinha sem duvida systematisado a orthographia.

Resava a carta :

« Senhor *Magor* dr. Laurindo Rabello.

Atacado de *reumaticio*, peço-lhe que me mande uma receita, etc. ».

O medico relê, tregeiteando, a intempestiva promoção ao posto de *magor*, e, *incontinenti*, responde-lhe, incluindo a formula solicitada :

« Illm. exm. sr. *Brijadeiro* Nepomuceno.

Queira v. ex. fazer uso do medicamento prescripto que, activado em seus effeitos por moderado *exercismo*, o libertará do mal que o afflige ».

E estas e outras provocações graciosas, espalhando-se pelo exercito em operações, deram com o nosso poeta de torna-viagem, a servir na guarnição desta capital.

Aqui chegando, em obediencia á disciplina, teve de apresentar-se ao chefe do Corpo de Saude, e para verificar duvidas sobre fé de officio, dirigiu-se á secretaria a entender-se com o director, conselheiro Mariano Carlos de Souza Corrêa, por antonomasia o *Rato molhado*.

Esclarecendo o quadro, convem que se saiba que o velho conselheiro era discretamente calvo, utilizando-se, para compôr-lhe o craneo, de uns farrapos de cabello que estirava ao alto.

Não deixando escapar a opportunidade epigrammatica, o recém-chegado dos pampas, contrariado com preliminares rabugices, escreve sobre o joelho esta singela quadrinha, que insinúa subtil no primeiro requerimento a despacho :

Cabeça, triste é dizêl-o!
 Cabeça, que desconsolo!
 Por fóra não tem cabello,
 Por dentro não tem miolo.

Não obstante ficar a surpresa do verso para

mais tarde, o irritadiço **conselheiro**, ignoramos porque, rompe considerações para com Laurindo; ao que este, empavonando-se, carregando o sobr'olho, e disparando arrebatado, exclama solemne :

— Nunca fiz caso de ratos enxutos, quanto mais de ratos molhados!

E, afastando o reposteiro, mostra-se á turma de pretendentes, á espera no salão, a desgarnecida calva e injectado olhar do possesso director, seguindo a trilha de Laurindo Rabello, que se some á hilaridade dos circumstantes e ao retinir no talim de saltitante e ferrugenta espada.

Refractario á disciplina e a adulações, superexcitavel a qualquer palavra menos polida e branda, os seus inimigos pessoas surgiam de toda a parte. Restando-lhe como supremo desforço a lamina afiada do verso, não raro se ouviam satyras suas de inaudita perversidade, feitas a este ou aquelle individuo, a despeito de hierarchias sociaes, de respeitabilidade notoria.

E dessa susceptibilidade exaggerada não se esquivou o proprio ministro que dirigia a pasta da guerra em 1859, glosado em prosa e verso pelo segundo cirurgião do Corpo de Saúde do Exercito, o poeta Laurindo, motivo fundado de ultteriores intrigas e justa perseguição.

Ouçamol-o :

Para mostrar que é mui sabio
 E filho de boa gente,
 E dos passados ministros
 Ser em tudo differente,
 Sua excellencia da guerra
 Em tudo que der á luz,
 Em vez de assignar de nome
 Pretende assignar de cruz.

Outro, ao mesmo :

MOTTE

*Quem Feliz-asno se chama,
 De certo é asno feliz.*

GLOSA

Si Camões cantou um Gama
 Por seus feitos de valor,
 Tambem merece um cantor
Quem Feliz asno se chama.
 Qualquer burro pela lama
 Enterra pata e nariz,
 Mas este que com ardis
 Chegou a ser senador,
 E' besta d'alto primor,
E' de certo asno feliz.

Os repentés acudiam-lhe a esmo.

Como *pendant* ao episodio com o conselheiro Mariano, outro se déra na Secretario da Marinha, não menos interessante e gaiato, tendo como objectivo e conselheiro Bomtempo que, brusco e de máo humor recebendo o nosso vate,

este, dirigindo-se aos circumstantes, vocifera encolhendo os hombros e aparentemente resignado :

Para mostrar quanto é grande
Seu poder, a divindade
Mandou-nos hoje um *Bomtempo*
Com cara de tempestade.

Uma tarde, passeava Laurindo com Quintino Bocayuva, e, ao voltar o largo do Rocio, depara com o cartaz do espectáculo da noite affixado ao muro do theatro, annunciando a segunda récita da *Degolação dos innocentes*. E lendo o titulo do drama, torcendo o bigode, diz o improvisador famoso ao seu companheiro de letras :

A peça *Degolação*
Foi mui bem representada...
Entre os muitos innocentes
Foi a peça degolada.

E os dois poetas, em expansivo e scintillante dialogo, seguiram para a redacção da *Marmota*, á loja do Paula Brito.

III

A honradez intellectual de Laurindo Rabello era em tudo comprovada pelos seus actos, seu proceder e mesmo insignificancias de sua vida.

Sendo-lhe o mundo exterior um reflexo do que lhe ia no interior, em o fogoso repentista de perennes acclamações uma dualidade apercebia-se nas peripecias da carreira nomada, e em sua poesia, que se separava a modo de duas correntes que, seguindo em duas parallelas, se perdiam no além, sem se encontrarem jámais.

Influencias de ambiente e influencias de raça, em duplas eminencias deparamos o extraordinario talento de Laurindo que, por tendencias innatas, deixando dobrar-se sobre si mesma a alma nostalgica, mirava-se em lagos de scismas e sonhos, e por effeitos do meio reagia contra elementos que lhe pareciam refractarios e hostis : e dahi o humor acre do seu trovar aggressivo e a fidelidade de character ao culto de sua primitiva miseria e antigo soffrer.

Entre um e outro pólo, porém, **horizonte todo** de azul e phantasia rasgava-se-lhe ao nobre sentir, e durante esse intermedio de expansões felizes o poeta comparecia radioso aos festins modestos, figurava na hospedagem assidua e demorada de um grupo amigo, de dedicações ininterrompidas, que se chamavam Dias da Cruz, Paula Brito, Manoel Hilario Pires Ferrão e o velho Almeida Cunha, appellidado o — *Cunha dos passarinhos* — em casa de quem passava semanas inteiras a pilheriar, improvisar, cantar modinhas e lundús aos sons do violão, com os rapazes da família, com o saudoso João Cunha, que lhe fazia as musicas para as composições multiplas.

E Laurindo Rabello, em ceroula e sentado na cama, de pernas cruzadas ou em pé, tangia o melodioso instrumento, e entusiasmado pelo *virtuose* que, inspirado, lhe interpretára o sentir dos versos, exclamava por vezes, arpejando esplendido, floreando nos bordões :

— Estamos casados, João !

Depois de sua volta da fronteira, a existencia do poeta ligou-se em parte ao passado pelo desmazelo do trajar, inculcando-o um ludibrio da pobreza, disso derivando a legenda de eterna miseria que lhe crearam em torno.

Mas do que ninguem procura lembrar-se é que o nosso Boccage, mesmo nas datas mais

prosperas, jámais tivera pouso certo, do mesmo modo que a andorinha viageira e a aguia do mar aos regougos da tempestade.

E aquella perspectiva serena desenrolára-se por egual, imperturbavel? Não, certamente. O cantor errante na vida social tivera despeitos a vingar, dando causa a actividades peculiares de seu talento satyrico espirituosa intriga que viera a lume com estrondoso escandalo, aguçando a curiosidade burlada de certo publico, apreciador de justas da especie.

Entre medicos do tempo dois campos se abriram a discussões scientificas sobre preferencias do systema de curar, arregimentando adeptos para os seus arraiaes os homœopathas drs. João Vicente Martins, Mello Moraes (pae) e muitos.

E Laurindo Rabello, entregue aos seus devaneios, e em lucta com Manoel Felizardo, foi, sem o querer, envolvido no tumulto contra um adhesista hahnemannico, preparando-lhe a armadilha um outro poeta satyrico de conhecido merito, o portuguez Serpa Pinto, negociante á rua da Ajuda.

Anteriormente inseparavel de Paula Menezes, que se passára, de allopatha que era, para o novo regimen therapeutico, o incidente de aggressiva publicação perversamente escripta por Serpa Pinto, com o fim de assistir anonymo ao

espectaculo brilhantemente excepcional do conflicto, trouxe á imprensa o dr. Laurindo a degladiar-se com o recente converso, então professor de rhetorica do collegio de D. Pedro II.

E seguiu-se a contenda entre ambos, não poupando o poeta ao adversario, quasi negro, tudo quanto o doesto e o ridiculo pódem proporcionar a um valoroso escriptor de satyras para sahir-se victorioso em tal arena.

Desse memoravel pleito, varios epigrammas e producções congeneres transitaram pelo balcão do *Diario do Rio de Janeiro*, foram recolhidos ineditos pela retentiva de amigos, recordando-nos no instante do soneto que ahi vae, ao qual succederam poesias sobre poesias, em que o transfuga da allopathia — o Othello do Brasil — na phrase de Laurindo Rabello, expiou culpas que não tinha, peccados que não commetteu.

Eis o soneto, uma das peças iniciaes da renhida polemica :

Vendo da peste o barbaro flagello
Mil vidas a ceifar a cada instante,
D'Africa deixa o solo tão distante
E veiu no Brasil curar Othello.

O semblante impostor negro-amarello
Cresta do orgulho a chamma crepitante,
Traz cheio de vidrinhos o turbante
E buido punhal por escalpello.

Homœopatha é, e o albergue puro
 Do puro Martins busca e diz-lhe ardido :
 « Doutor, eu quero ter vosso futuro. »

— Bravo! grita o Martins enternecido;
 Pelas cinzas de Hahnemann te juro
 Que não has de morrer desconhecido.

Incerta a pousada do poeta, tardes havia em que a Petalogica e a loja do Paula Brito animavam-se com estranho interesse ás pilherias, repentes e improvisos de Laurindo Rabello, o inegualavel *causeur*, o inventivista mais remontado d'aquella geração alegre.

Nem sempre, convem rectificar, o seu vestuario em desordem e usado trahia-lhe os sabidos recursos de medico do exercito; occasiões havia em que, envergando bello terno de casaca azul com botões amarelllos, collete de trespasse e calça flôr de alecrim, o inspirado moço comparecia nos theatros e salões : alli exaltando datas historicas, celebrando notabilidades artisticas ; aqui pulsando arrebatado a lyra do improviso como os bardos medievaes á porta dos solares e nos recintos dos banquetes.

A outros rumos, porém, dirigia-se com igual afan Laurindo Rabello, que na tarefa, da vida encontrava constante animos adversos, aos quaes lhe fôra impossivel deixar de dar combate, apesar de vacillações do exito.

Distanciando a época em que travára pleito com

Paula Menezes, reservaram-lhe os fados attribulados momentos, resultantes de divergencias havidas com o dr. Rego Macedo, então director do hospital militar de Porto Alegre.

Insurgindo-se, com razão ou sem ella, contra seu superior, o segundo cirurgião do exercito enfileira decimas de engenhosa feitura, nas quaes o chefe do serviço é licenciosamente tratado, a ponto de confundil-o, em dubia synonymia, com o vasadouro das enfermarias, o rego do hospital.

E com tanta arte sahiu-se na impagavel satyra que, desde logo, todas as estrophes lograram extensa propaganda inedita, restando impressas na memoria publica.

Desde que nos propuzemos a estudar o auctor em nova postura de retrato, destaquemos da famosa peça — um requerimento á Municipalidade — a conclusão, com reticencias, publicavel :

Muita gente ha que nutrindo
Economicos desejos,
Fazem da casa os despejos
Das despesas prescindindo;
Quando tudo está dormindo
Vão cuidar do doce emprego,
E com todo o seu socego,
Innocencia e singeleza,
Passam a fazer limpeza
Mesmo na bocca do rego.

Causa raiva seriamente,
Tira-me todo o socego,
Vêr assim o pobre rego
C.... por tanta gente.
Não ter remedio um doente,
E outras cousas eguaes,
E' máo para os hospitaes,
Está claro, está bem visto;
Mas, além de tudo isto,
C.... no rego! é demais!

Vós, porém, sabios eleitos,
Podeis o erro emendar;
E' dos sabios melhorar
Ou destruir os defeitos;
Mas, se devem imperfeitos
Os regos sempre ficar,
Mandae-os eliminar
De qualquer logar decente,
E haja « rego sómente
Onde se deva c....

N'estes termos pede o vate
Do hospital para socego,
Que seja entupido o rego
Que lhe dá tanto combate;
O Congresso, sem debate,
Prompto pôde assim dispôr;
Ninguém satyra suppôr
Vá, que o meu pedido encerra :
Falo de um rego de terra,
E não do Rego doutor.

E avigorando a sementeira de odios, acti-
vando-se os accintes pessoaes, foi o nosso poeta
removido para o Rio de Janeiro.

Nos diversos angulos de seu breve caminho, Laurindo Rabello parava, mas radiante de brilhos, assombrado de genio.

Esquivo a bajulações, ao servilismo, a sua dignidade impolluta, o seu orgulho explosivo o fizeram passar por ingrato entre certa sociedade que lhe ignorava o desapego de si mesmo, a indiferença para com os ideaes de fortuna ou de gloria.

Nomeado para reger a cadeira de portuguez e grammatica philosophica da escola preparatoria annexa á militar, o professor tivera um exercito de alumnos, como o medico *um exercito de doentes*, no seu emphatico dizer.

E a inauguração de seu curso tornou-se um acontecimento nas regiões do magisterio, dando-se um facto, ora esquecido, mas que é util rememorar.

Dirigia o militar estabelecimento o general Polydoro. Avisado pelo Imperador que lhe fizesse saber o dia e hora da primeira aula de Laurindo, o valoroso homem de guerra apresentou-se em cumprir a ordem do soberano.

E com a sala repleta, o lente em seu posto, toques de clarins annunciam a chegada do monarcha.

A isso brando sussurro percorre a classe; o Imperador, acompanhado de seus camaristas, assoma á porta do salão, erguendo-se os estu-

dantes, dominados pela solenne figura de Laurindo Rabello que, afastando-se de sua cadeira, offerece-a a D. Pedro II.

E as atenções todas se fixaram no imponente grupo, ouvindo-se dos labios imperiaes, recusando a gentileza, esta phrase simples, natural e finamente modesta :

— Considere-me aqui como um seu discipulo.

Ambos sentaram-se : e o professor eloquente, abrindo ao azar a *grammatica philosophica*, lê em voz alta, voltando-se para o Imperador, o titulo de um dos capitulos do compendio : *Ser*.

E fechando o livro, franzindo a testa, passando a mão aberta no negro bigode, começa :

— *Ser*, verbo substantivo ; sua origem, Deus. Deus não existe, porque tudo que existe teve principio e ha de ter fim ; ora, Deus não teve principio e nem ha de ter fim ; logo, Deus, é.

Discorrendo a encantar sobre o bello thema, esgotta a hora, applaudido pelos alumnos, cumprimentado pelo excelso assistente.

O poeta caminhava...

As noites levava elle em palestras no Paula Brito, em reuniões descerimoniosas, em *soirées*.

Ao tumulto das salas em festa, quando Laurindo se apresentava, dir-se-ia que alguma cousa de sobrenatural se diffundia no espaço.

A fama de suas excentricidades e anedotas,

a notoriedade de sua remontada intelligencia e de suas qualidades de improvisador, predispu-
nam de assalto a assembléa para as surpresas da poesia, para as respostas á porfia.

De prompto acercado de alvoroçantes moças, dos convivas em tropel, entrava triumphante o peregrino da noite, o sublime vate, ao prestigio enorme de seu grande nome, de sua reputação merecida...

E os pares dansavam, os brindes atroavam, e o nosso Laurindo, glosando mottes, formulando epigrammas, trocando gentilezas, animava grupos dispersos, recintos festivos.

Em um desses saráos de familia, tão vulgares outr'ora, ingenua rapariga, adeantando-se para o poeta, interroga-o curiosa :

— Não é o senhor o poeta *Lagartixa*?

Ao que Laurindo, desconcertado, e como de costume afagando o bigode, com delicadeza, tambem interpella :

— Como se chama v. ex. ?

— Florentina.

— Pois, minha senhora, flôres em vaso tenho eu visto muitissimas ; mas *flôr em tina* é v. ex. a primeira.

Os commentarios chistosos e a alacridade dos testemunhantes não depararam represas.

Em geral, depois de adeantada hora da noite, quando a musica ia estridente e as dansas fer-

viam em rodopio, certo numero de apreciadores apinhava-se ao redor de Laurindo que, menestrel e bardo, a um dos angulos da sala de jantar, cantava ao violão sentimentaes modinhas e buliçosos lundús, que traziam em aberta hilaridade os mais sisudos e respeitaveis circums-tantes.

A' semelhança de Gonzaga, que não cantava *lettra* que não fosse sua, os versos dessas canções nacionaes eram de inspiração propria, e ao sabor do tempo.

E aos quentes arpejos do violão, á lascivia suggestionante do rythmo, em meio de gargalhadas baixinhas, de bravos repetidos, de palmas abafadas, cantava o trovador moreno a tentar os rapazes e a galvanisar os velhos, o lundú do *Banqueiro*, da *Bengala*, da *Romã*, das *Rosas do Cume*, do *Gôsto que excede a todos* e da *Chave*, com a expressão que só elle sabia dar, com os séstros que lhe reconheciam pe-culiares :

O diabo d'esta chave
 Que sempre me anda torta...
 Por mais geitos que lhe dê
 Nunca posso abrir a porta.
 Tome lá esta chave,
 Endireite, sinhá,
 Você é quem sabe
 O geito que lhe dá.

Mas, o amor, do modo por que o comprehendia Laurindo, era uma religião e um culto : Laurindo amava.

Entretanto o temporal renunciava-se imminente, e os elementos por elle accumulados fôra impossivel conjurar.

Tinha de seguir o traçado da sorte, o caminho do destino.

IV

Laurindo obtivera uma licença.

Adiado seu casamento para poucos dias mais tarde, pretextos de quebra de disciplina por motivo de haver transgredido o prazo de apresentação ao chefe do Corpo de Saúde annuviarão-lhe os horizontes côr de rosa do noivado.

Calculadas represalias, occultos manejos puzeram em pratica Manoel Felizardo e elevadas patentes do exercito, trazendo como consequencia a prisão do poeta, conservado incommunicavel na fortaleza de Santa Cruz, e sua quasi immediata partida para o Rio Grande do Sul.

Natureza boa e em extremo affectuosa, não foi sem desesperos d'animo que associou ao seu exilio o de sua consorte da vespera, que o acompanhára a alheias paragens, com a fronte ainda resplendente da grinalda nupcial, mas com olhos cheios de pranto á separação da familia.

E desde a hora de seu casamento, desde que

pela segunda vez dissera sentidos adeuses á sua terra natal, Laurindo se transformára em absoluto, tomára inesperado rumo, ao enlevo de bem diversos panoramas, já desquitado da penitencia das aspirações de renome.

Si desse plano se afastou acaso, os vestígios se extinguem na onda do tempo como as espumas ao refluxo das marés.

Em Porto-Alegre, favorecido pelo general Caldwell, a sua carreira tornou-se facil e promettedora; e, máo grado seu, entrando em contendias politicas, escrevera artigos doutrina-rios e de polemica n' *A Ordem*, medindo-se com Felix da Cunha, jornalista, poeta e figura de laureado perfil do parlamento de outr'ora.

As distincções, entretanto, assignalaram-lhe o talento, o magisterio distinguiu-lhe os meritos, e a tribuna judiciaria, dupla vez, engrandeceu-se da palavra inspirada e torrencial do orador magnifico, na defeza de dois réos confessos.

Ardia em patriotismo esta capital, durante a celebre questão Christie. Repercutindo os alaridos de desaggravo no paiz inteiro, os alumnos da Escola Militar de Porto-Alegre, com seu professor e medico o dr. Laurindo Rabello á frente do movimento, offerecem-se ao governo provincial para seguir com o 4º batalhão, que embarcava com destino ao Rio de Janeiro.

Dispensando o presidente a espontanea leva dos alumnos patriotas e aproveitando os bons desejos do 2º cirurgião, teve o dr. Laurindo de acompanhar o referido contingente de infantaria na sua qualidade de medico do exercito.

Completamente mudado em sua psychologia e em seus costumes, disse elle a um amigo que sobre isto o interpellára :

— Case-se o mar, que o mar ficará manso.

E essa resposta, verdadeira e simples, era um reflexo do seu grande espirito, deante de uma sociedade á qual elle proprio se considerava alheio.

Vivendo muito do coração e desprezando fórmulas, o poeta cultivava apenas o carinho dos intimos, aos quaes procurava, retribuindo estes com os desatavios da sympathia provados testemunhos de velha amizade.

Absorvido no lar da familia como o somnambulo em seu mundo phantastico, o borborinho exterior não lhe alvoroçava interesse ; de tudo isso provindo a calma e a felicidade que para si preparára, ao lado daquella que recebêra como esposa nas aras santas, do anjo ao qual enchia de harmonias o espaço por elle allumiado.

Mais do que nunca, nessa phase da vida placida, o nosso poeta se alegrára aos remotos baifejos da prosperidade ; entretanto, uma gotta de

mel não basta para adoçar uma amphora de amargura !

Precisamente pela segunda vez que voltára do sul, sendo nomeado medico e professor de portuguez e grammatica philosophica da Escola da Praia Vermelha, um convite lhe viera em seguida para leccionar em acreditado collegio.

Estranhando a um só tempo tantos favores da ventura, isto é, além dos primeiros cargos, estranha accumulção remunerada, o que fôra de mais ás suas modestas ambições, Laurindo reflectiu, scismou, e alguma coisa de sinistro atravessou-lhe o espirito, como o resvalar da aza de uma ave nocturna que, alteando o vôo, parece um instante pendurada no céo.

De punhos ás costas, entrando em casa com o *Diario Official* amarrotado nas mãos, dirige-se á boa consorte que lhe corre ao encontro e, ao lêr-lhe a noticia, depois de abrir o alludido convite, empallideceu supersticioso, cahindo-lhe dos labios este repente :

Quando eu deixar de chorar,
Quando contente me rir,
Não se enganem, desconfiem
Que não tardo a succumbir.

Casando-se, é authentico, abandonára para sempre o seu amadissimo violão, suas delicadas e graciosas canções ; e não mais nas salas dos

seus e em **estranhas salas**, aquelle instrumento e a sua voz deram ao tumulto das festas enthusiasmos, **expansões**. E' que, antepõdo-se ás perspectivas de outr'ora, o poeta cerrára densa cortina, restando-lhe apenas para derradeiras scenas o tablado de seu lar, em que os figurantes limitavam-se á mulher adorada velando-lhe o soffrer, e raros amigos vindos do passado, á semelhança de phantasmas resurgidos das estancias jámais esquecidas da alegre mocidade.

Eram peculiares ao character de Laurindo lugubres presentimentos. Essas percepções metaphysicas d'alma devia-as certamente elle á concentração do espirito em ponto especial, de accordo com o meio social e preocupações depressivas.

Premunido de alta dóse de fatalismo, em lucta com pensamentos inquietantes, por occasião do fallecimento de sua desditosa mãe, o sentimento de perdel-a apertou-lhe com tamanho rigor o coração que, confessava elle, a partir daquelle nefasto momento julgou-se affectado do importante órgão.

Era isso o que repetidamente adeantava triste, quando os alarmantes phenomenos da lesão cardiaca se manifestaram, quando um anno antes vaticinára o mez e dia de sua morte.

E nas **dyspnéas** que o suffocavam, de janella

aberta inteira noite, disputando a minguado ar mais uns pedaços de vida, na calma resignada que sobrevinha á crise, murmurava, de face vultuosa e alterada, á veladora de suas agonias e aos que o acercavam :

— Deixarei de existir no mez e dia em que morreu meu pae.

Fatal coincidencia !

Por aquella data estava em voga nas serenatas do povo e nos festivaes burguezes a modinha de Aureliano Lessa — *Lembranças do nosso amor*

Reunida a familia de Laurindo, uma de suas cunhadas lhe pede para glosar o bello motte ; e elle, á cabeceira da mesa, ao clarão immovel do reverbero de lampeão central, toma de um lapis e traça de improviso tão doloridas decimas, intituladas *A' minha mulher*, que o sobresalto, a tristeza, a lagrima a furto, derivados do sombrio dos presentimentos, confrangeram o semblante dos circumstantes, que se olharam em commum, disfarçando após.

Ouçamol-as um pouco :

Da morte o sopro gelado
Vae me apagando a existencia,
No coração com vehemencia
Sinto seu passo apressado,
Ail quando, bem adorado,
Minh'alma daqui se fôr,
Por piedade e favor

Disfarça a dôr vehemente,
Mas nunca rísques da mente
Lembranças do nosso amor.

Nada tenho que deixar-te
De fortuna nem de gloria,
Nada me aponta a memoria
Que possa morto legar-te;
Si nada deve ficar-te
Além da saudade e dôr,
Balsamo consolador
A' dolorosa ferida
Hão de ser-te nesta vida
Lembranças do nosso amor.

Em sua peregrinação no accidentado da existência, o poeta jamais se esquecera da sua illusão perdida, da sua idolatrada Ermelinda dos juvenis amores, por quem passára vida de louco, vendo-a constrangida em estranho aconchego, a affectos mentidos, a affectos que, espontaneos, deviam pertencer-lhe.

A's vezes, quando acabava o dia, e o sol descia silencioso na extrema dos mares, Laurindo, recordando um passado fatal, desfraldava o seu batel dos sonhos na trilha luminosa da vaga, procurando sua alma no além, aos fogos do arrebol, um asylo de esplendores, uma ilha encantada, onde elle e aquella que lhe embevecêra as manhãs da juventude cantassem e suspirassem, á toada de eólias harpas, ao arfar de quentes desejos.

Mas a noite, isto é, a realidade sobrevinha, e o bardo sublime das *Trovas*, liberto de um mundo de chimeras, accordava em solidões medonhas, em desalentos que lhe esmoreciam o viver.

Depois da publicação de seu volume de *Trovas*, esses versos inspirados e tristes, impregnados todos de maguas e de amor, bem poucos no genero compuzera elle, servindo esse formoso livro de marco de estrada em seu caminhar de poeta.

Como uma trégua ás luctas comprehendidas depois, e como um retorno a deixados climas, era nas horas ignoradas da scisma que a musa do passado lhe beijava a fronte, murmurando-lhe estrophes de um sentir doce, de uma pureza ineffavel.

E foi num desses momentos de adoração e pasmo que o lyrista admiravel, remontandò a corrente da idade, a cujas margens descobrira o semblante da mulher querida, traçára mystico quadro de innocente enlevo, neste idyllio de uma belleza rara, de um idealismo improfanado e singular :

Foi em manhã de estio,
De um prado entre os verdores,
Qu'eu vi os meus amores
Sósinha a cogitar.

Ceguei-me a ella,
Tremeu de pejo...
Furtei-lhe um beijo,
Poz-se a chorar.

Eram-lhe aquellas lagrimas
Na face nacarada,
Per'las da madrugada
Nas rosas da manhã.

Santificada
N'aquelle instante,
Não era amante,
Era uma irmã.

Dobrados os joelhos
Os braços lhe estendia,
Nos olhos me luzia
Meu innocente amor.

Domina a virgem
Doce quebranto,
Sécca-se o pranto,
Cresce o rubor.

A vida é um oceano sem porto. Os que o atravessam nem sequer pódem arriar ancora, pois tudo o que se passa na viagem é subito, vago, inesperado.

A molestia se adeantava, e o doente, aos cuidados do dr. Godoy, tivera ainda dias desaffrontados intermittencias que abriam pausa á tenue esperança da familia.

Da familia, sim, pois que para elle os phenomenos precursores do desenlace se alarmavam,

restando-lhe apenas mais algumas agonias sem consolação.

Estava *enchendo alturas*, como elle proprio nos dissera á ultima vez em que nos encontrámos á rua do Sacramento, prognostico este que se realisou duas semanas depois.

Entretanto, a sua coragem não arrefecia, e os extremos da amizade ardiam-lhe no peito como lampadas eternas.

E assim succedeu, quando dez dias antes de finir-se passára noite de festa em companhia de seu velho sogro, volvendo em seguida a seus lares para padecer no leito as torturas de um trespasse lento, cruel, desolador.

Laurindo era um crente. Na quarta manhã que precedera ao derradeiro transe, fizera elle erguer no seu quarto de enfermo pequena banquetta, o sobre a qual se achava a imagem do Christo, com cirios accesos.

Pedindo que chamassem um sacerdote para confessal-o, aguardou sereno a presença daquelle que o absolveu dos peccados em nome de Deus.

E á sua consternada e santa mulher, que lhe lia á cabeceira, acompanhadas por elle, as orações dos agonisantes, disse constricto, abraçando-a, á aproximação do Viatico :

— E' bom que eu morra primeiro, para te ensinar como se morre.

E a campã sôa lá fóra, as resas do povo echoam no aposento, e o padre que entrára, dominando um corpo estendido, e fleis ajoelhados, ministra a Extrema-Unção ao cysne que, entre as alternativas morbidas, dois dias depois, entôa o seu hymno de morte no *Canto do Cysne*, ultima corda que lhe estalára da lyra ás aragens glaciaes do sepulcro.

Os amigos conversam baixinho, transpõem pé ante pé o quadrado da sala... Dias da Cruz, Manoel Hilario Pires Ferrão, Ferreira Lima, Saldanha Marinho, Pedro Cunha, Eduardo de Sá, o conselheiro Amaral, Ribeiro de Almeida e outros, visitam-n'o a miudo, repartem entre si os quartos da noite, até que lhe cessaram de todo as dôres da vida e da morte.

O sahimento não podia ser mais numeroso. O enterro, a expensas do Imperador, realisou-se modesto, porém condigno.

E rompendo as alas do cemiterio, á luz morredoura do sol, ao rumor cavo da ultima pá de cal sobre o velludo agalocado do caixão, lacrimosa mulher, envolta em véos de crepe, perfila-se á borda do tumulo, e entre os convivas tardos, o cortejo funebre de Laurindo Rabello, soluça breve nenia, rematada pela pungitiva quadra :

Cercada de imagens tristes
Eu com ellas me confundo,

O meu mal importa a somma
Dos males todos do mundo.

— Era Ermelinda.

E suas vozes se espalharam no reino da Dôr
e da Morte como o arruido de um vôo de anjos
a resguardar-lhe os restos.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

ARTISTAS DO MEU TEMPO

Almeida Reis.	1
Paula Brito	9
João Caetano e Arêas.	21
Carlos Kornis e Insley Pacheco.	35
Dom José Amat	71
Carlos Gomes.	81
Domingos Ferreira .	117

SEGUNDA PARTE

Laurindo Rábello.	139
-------------------	-----



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).